



**INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT**  
**DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA TEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA VISUAL**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA TEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA VISUAL**

**LUCIANA ASSIS DA SILVA FILGUEIRAS**

**A CONSTRUÇÃO DE UM MANUAL PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL  
ESPECIALIZADO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

Rio de Janeiro

2023

F481 **FILGUEIRAS, Luciana Assis da Silva**

A construção de um manual para o atendimento educacional especializado de estudantes com deficiência visual no Ensino Fundamental II [recurso eletrônico] / Luciana Assis da S. F. – Rio de Janeiro : Instituto Benjamin Constant / PPGEDV, 2024.

Arquivo digital; PDF

Orientador: Prof. Dr. João Ricardo Melo Figueiredo

1. Ensino Fundamental. 2. Pessoa com deficiência visual. 3. Recursos educacionais 4. Ensino e aprendizagem. 5. Trabalho acadêmico. 6. Dissertação. 7. PPGEDV. I. Título.

**CDD – 390.087**

Ficha Elaborada por Edilmar Alcantara dos S. Junior. CRB/7: 6872

**LUCIANA ASSIS DA SILVA FILGUEIRAS**

**A Construção de um Manual para o Atendimento Educacional Especializado de  
Estudantes com Deficiência Visual no Ensino Fundamental II**

Qualificação apresentada como parte do requisito parcial necessário para obtenção do título de Mestre em Ensino na Temática da Deficiência Visual do Programa de Pós-graduação em Ensino na temática da Deficiência Visual do Instituto Benjamin Constant.

Orientador: Prof. Dr. João Ricardo Melo Figueiredo

Rio de Janeiro

2023

**LUCIANA ASSIS DA SILVA FILGUEIRAS**

**A CONSTRUÇÃO DE UM MANUAL PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL  
ESPECIALIZADO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na  
Temática da Deficiência Visual do Instituto Benjamin Constant como  
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino na Temática da  
Deficiência Visual.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. João Ricardo Melo Figueiredo - Orientador do Mestrado - IBC

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia de Oliveira Gomes - Membro PPGEDV - IBC

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ediclea Mascarenhas Fernandes - Membro Externo - UERJ

---

Prof. Dr. Fabio Brandolin - Membro Suplente - IBC

Dedico este trabalho à minha família e a todos que contribuíram para a realização desta pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me guiar, me sustentando a todo momento no decorrer do percurso da minha vida neste aprendizado. Em seguida, agradeço à minha família que, de algum modo, contribuiu nas minhas ausências em meio a tantas dificuldades, sempre me dando forças para prosseguir. Ao meu irmão Leonardo e minha cunhada Brenda. Gostaria também de agradecer ao meu esposo, que suportou todas as crises e sentimentos adversos ocasionados pelo estresse da rotina universitária ao meu lado, me apoiando e incentivando, não permitindo que fraquejasse ou desistisse. Importante não esquecer de agradecer a todos os professores que passaram pela minha trajetória estudantil, porque se cheguei a essa grandiosa conquista foi devido ao acúmulo de conhecimento cedido e repartido por vocês, professores, para comigo. Um agradecimento especial ao excelente profissional que me ensinou com sua experiência na área, dividiu conceitos e sua vida profissional comigo, além de me receber com o maior amor e carinho, estou falando do meu orientador João Ricardo. Minha eterna gratidão a ele que me fez ser ainda mais apaixonada por essa profissão.

“[...] a deficiência visual em si mesma não trava o desenvolvimento psíquico e intelectual. Tais desvalias ocorrem quando se negligencia a educação, quando se amesquinha o potencial da criança, quando se erguem barreiras entre a criança cega ou com baixa visão e a vida. Vida que precisa ser vivida no frêmito da criação e da liberdade”.

Maria da Glória de Souza Almeida.

## LISTA DE ABREVIATURAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

APE - Apoio Pedagógico Específico

ASE - Auxiliar de Serviços Escolares

BV - Baixa Visão

CEMEAES - Centro Municipal de Atendimento Especializado ao Escolar

DV - Deficiência Visual

IBC - Instituto Benjamin Constant

LBI - Lei Brasileira de Inclusão

SRM - Sala de Recursos Multifuncional

TEA - Transtorno do Espectro Autista

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.

IMC - Instituto dos Meninos Cegos.

IIMC - Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Calendário Escolar de Macaé, ano letivo de 2021.....	40
Figura 2: Foto do Colégio M. Prof. Samuel Brust, encontrado no acervo da pesquisadora.....	41
Figura 3: Foto do Colégio M. Ancyra Gonçalves Pimentel, encontrado no acervo da pesquisadora.....	41
Figura 4: Foto do Colégio M. Dr. Claudio Moacyr de Azevedo, encontrado no acervo da pesquisadora.....	42
Figura 5: Foto do Colégio M. Prof. Elza Ibrahim, encontrado no acervo da pesquisadora.....	43

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estudantes com deficiência visual .....	34
Quadro 2: Professores de Macaé .....	34
Quadro 3: A relação entre o aluno e a vivência escolar .....	62
Quadro 4: Professores de Língua Portuguesa e seus desabafos.....	74
Quadro 5: Acreditando que é possível.....	85

## RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade descrever a dificuldade de aprendizagem do estudante com deficiência visual no Ensino Fundamental, investigar, buscar refletir através de entrevistas semi-estruturadas sobre os recursos que envolvem a aprendizagem e o desenvolvimento, no processo de escolarização da rede pública de Macaé/RJ na disciplina de Língua portuguesa. Observando às demandas relativas à pessoa com deficiência, seus interesses, dando autonomia, com a troca entre a sala de recursos e a sala regular através de entrevista com alunos e professores do contexto estudado. Desta forma buscar meio para que o estudante da rede pública de Macaé se desenvolva, possa amenizar as dificuldades no ingresso do fundamental II. Assim, também é objetivo deste trabalho elaborar um manual que sirva de apoio, podendo amparar o aprendizado da pessoa com deficiência visual em suas vivências, contextualizando a prática com as referências bibliográficas e o uso da criatividade. Ter a sala de recursos como local de experimentação e prática pedagógica para o desenvolvimento do estudante com deficiência visual no espaço escolar em seu dia a dia.

**Palavras chaves:** Deficiência visual. Ensino fundamental II. Sala de recursos.

## **ABSTRACT**

This research aims to describe the learning difficulties of students with visual impairments in Elementary School, investigate, seek to reflect through interviews structured on the resources that involve learning and development, in the schooling process in the public school system of Macaé/RJ in the Portuguese language subject. Observing the demands related to people with disabilities, their interests, giving autonomy, with the exchange between the resource room and the regular room through interviews with students and teachers from the studied context. In this way, we seek ways for Macaé public school students to develop and alleviate difficulties in entering elementary school. Therefore, it is also the objective of this work to develop a manual that serves as support, which can support the learning of people with visual impairments in their experiences, contextualizing the practice with bibliographic references and the use of creativity. Having the resource room as a place for experimentation and pedagogical practice for the development of students with visual impairments in the school space in their daily lives.

Keywords: Visual impairment. Elementary education II. Resource room.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1. Justificativa.....	16
1.2. Objetivos.....	17
1.2.1. Objetivo geral.....	17
1.2.2. Objetivos específicos.....	17
<b>2. A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL</b> .....	16
2.1. Um Pouco de História.....	18
2.2. A Educação das Pessoas com Deficiência Visual em Macaé.....	25
2.3. A Inclusão Escolar e a Sala de Recursos Multifuncional.....	29
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	32
3.1. O Cotidiano Escolar Enquanto Metodologia.....	36
3.2. O Calendário Escolar.....	38
3.3. Aulas de Língua Portuguesa.....	43
3.4. O Estudante com Deficiência Visual.....	47
3.5. O Professor da Sala Regular.....	49
3.6. O Professor da Sala de Recursos Multifuncional.....	50
<b>4. A REALIDADE ESCOLAR</b> .....	52
4.1. O Estudante com Deficiência Visual.....	53
4.2. O Professor da Sala Regular.....	64
4.3. O Professor da Sala de Recursos Multifuncional.....	76
<b>5. O PRODUTO – MANUAL DE APOIO À INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM MACAÉ</b> .....	87
5.1. Passo a Passo da Construção do Produto.....	87
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	93
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	95

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo leva em consideração os alunos com deficiência visual e o seu potencial de aprendizagem, que precisa ser trabalhado e estimulado para que as dificuldades enfrentadas por eles, no contexto escolar da rede pública da Cidade de Macaé, no Estado do Rio de Janeiro, sobretudo, no ingresso ao fundamental II, sejam amenizadas. Neste sentido, propõe-se a elaboração de um manual que servirá de apoio, podendo esclarecer dúvidas na hora de saber conduzir o aprendizado do estudante com deficiência visual, baseado em entrevistas, referências bibliográficas e atividades criativas diárias. Essas dificuldades são causadas, em muitos casos, por falta de conhecimento, por parte da equipe pedagógica, das necessidades específicas desses estudantes, onde a escola pública deveria estar mais atenta para que sua inclusão atendesse todas as suas expectativas e potencialidades.

Deste modo, o presente trabalho busca contribuir com estratégias para possíveis melhorias no processo de ensino-aprendizagem, no caso aqui pesquisado, no acompanhamento da transição do quinto para o sexto ano de escolaridade, na disciplina de língua portuguesa, buscando proporcionar aos estudantes para além do conhecimento dos conteúdos, autonomia e desenvolvimento do seu aprendizado.

Foi escolhido o ensino fundamental II, na matéria de língua portuguesa, por ser o espaço no qual trabalho como professora especializada em deficiência visual. Por vivenciar a falta de material complementar inovador, que incorpore novas práticas pedagógicas no conteúdo, principalmente para os estudantes com deficiência e também a falta de troca de experiência entre os professores, proponho o desenvolvimento desta pesquisa com a finalidade da construção de um manual de apoio para a inclusão dos estudantes com deficiência visual no Município de Macaé, no estado do Rio de Janeiro, tendo por base aulas de língua portuguesa.

Os motivos que me levaram a este estudo foram por viver essas dificuldades: sou professora de sala de recursos no município de Macaé e fico muito apreensiva, pois a cada dia estudantes estão desistindo de buscar aprendizagem e alcançar um caminho de conquista de conhecimentos para ingressar em universidades, dar continuidade aos estudos, enfrentar seus medos e desafios. Dessa forma, estão desistindo e se calando, sem enfrentar os novos desafios existentes no caminho da aprendizagem.

Existe ainda o atraso sensorial e cognitivo, acrescido da falta de autonomia no ambiente escolar, contribuindo para um cenário desfavorável ao crescimento e desenvolvimento do estudante com deficiência visual.

No município de Macaé, situado na região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro, sempre houve falta de professores devido ao aumento da população em curto espaço de tempo; a população estimada em 2021 foi de 266.136 pessoas, no último censo de 2010 era de 206.728 pessoas, numa densidade demográfica de 2010 de 169,89hab/km<sup>2</sup>. A taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade em 2010 era de 96,9%, no ano de 2021 matriculados no ensino fundamental foi de 34.039 e no ensino médio de 8.894. Docentes no ensino fundamental no mesmo ano era de 1.950 no fundamental e 575 no ensino médio, para 92 escolas no fundamental e 27 no ensino médio. Evidente, ainda, principalmente, falta de professores com formação para o trabalho com estudantes com deficiência visual atuando no ensino fundamental II. Essa pesquisa vem sinalizar a necessidade de acessibilidade e permanência dos estudantes com deficiência visual no ensino regular no município, dentro de uma prática docente comprometida com a educação inclusiva.

Em princípio, foi realizado um estudo de estudantes com deficiência visual do sexto ano do ensino fundamental II, visando a melhoria de seu atendimento nas aulas de língua portuguesa juntamente com a sala de recursos, local especializado no sistema de ensino para que os estudantes com deficiência possam ter suas necessidades específicas trabalhadas. Tudo isso acontece, contudo, com o surgimento de novos recursos tecnológicos disponíveis no meio escolar, bibliografias mais atualizadas que servirão de fonte de pesquisas, para profissionais especializados melhorarem a adaptação significativa para que o estudante possa ser realmente atendido.

Devemos considerar que, cada vez mais, o estudante com deficiência visual representa parte da sociedade, encontrando e reencontrando, dentro do novo ciclo de aprendizagem, no ensino fundamental II, o contexto de sociedade inclusiva, para todos.

A sala de recursos é uma local de experimentação, orientação e prática pedagógica para o desenvolvimento do estudante com deficiência visual no âmbito escolar, que deveria ser atuante, decorrente do aumento das matérias e da diversificação do ambiente e das aulas, ou mediante a variação de conteúdo em língua portuguesa, objeto de nossa pesquisa, por exemplo.

Nesse espaço, deve ocorrer a adequação para a utilização de materiais ampliados, em

braille ou em outras mídias e a facilitação da aprendizagem da pessoa com deficiência visual na prática, considerando-se as necessidades individuais de cada estudante. O que seria necessário para minimizar as dificuldades do aluno com deficiência visual no ensino regular? Como o aluno com deficiência visual é recebido ao entrar no ensino fundamental II? Quais as expectativas quando chega ao sexto ano, tanto do ponto de vista do aluno quanto da escola? A escola está preparada para recebê-lo e para ampliar seu desenvolvimento? Como deve ser o processo de inclusão de alunos com deficiência visual neste século?

Com o dia a dia da prática docente estruturada, pensada e comprometida com a aprendizagem dos estudantes com deficiência visual, a confecção do manual de apoio com instruções contextualizadas de acordo com a realidade, estudos de experiências vividas, bibliografias, leis, a procura e busca por caminhos que possamos descobrir, fazendo o uso da criatividade conforme a sua realidade e sonhos, constrói um ambiente acolhedor. Estudar nas localidades mais próximas de sua residência, não precisando de ser transportados para escolas polo, no caso de Macaé, tendo o profissional e os recursos nas escolas próximas a sua residência, assim como os outros estudantes na sua comunidade, é uma das formas de combater as atitudes discriminatórias, proporcionando aos estudantes com deficiência visual uma educação adequada e eficiente.

Assim, este trabalho se estrutura da seguinte forma:

A seguir, apresentamos a educação da pessoa com deficiência visual, onde focamos em seu aspecto histórico, demonstramos como ocorre no município de Macaé, no estado do Rio de Janeiro e abordamos a questão da inclusão e das salas de recursos multifuncionais.

No Capítulo 3 nos detemos em apresentar a metodologia de trabalho, apresentando o estudo da construção de um manual para rede pública de Macaé relacionado à educação inclusiva para melhorar e aperfeiçoar o desenvolvimento da oportunidade de aprendizagem do estudante com deficiência visual, além da parceria de troca de experiências com o apoio da sala de recursos com o professor da sala regular.

Em seguida, no Capítulo 4, o cenário de Macaé pode ser observado a partir de seus atores: o estudante com deficiência visual, o professor da sala regular e o professor da sala de recursos multifuncional.

No Capítulo 5, o produto é apresentado, o Manual de Apoio à Inclusão de Estudantes com Deficiência Visual em Macaé. Propõe dentro dos processos educativos de ensino através da aprendizagem, verificado nas escolas estudadas, adentrando ao seu espaço ativo, o vivenciar através da mobilização dos colegas a pesquisa, possibilitando a contribuição através das entrevistas e suas respostas, argumentos para que possam facilitar o processo de ensino - aprendizagem de pessoas com deficiência visual.

### **1.1. Justificativa**

Diante desta pesquisa, é preciso estar atento às dificuldades que ainda o aluno com deficiência visual enfrenta no seu dia a dia, para a busca de melhoria no seu ensino-aprendizagem, assim elaborando o manual de apoio ao professor para refletir sobre o uso de estratégias para contribuir e auxiliar o ensino de língua portuguesa na rede regular, como aclarar pontos importantes à busca da sua autonomia, referência de seu corpo no espaço escolar, além da flexibilização e compreensão do conteúdo de aprendizagem do estudante com deficiência visual no ensino fundamental pautado no referencial teórico. Com o ensino de língua portuguesa no desenvolver de leituras de textos e de atividades que resinificassem as mesmas ampliando o leque de aprendizagem.

Partindo da descrição histórica de material já produzido por estudiosos do mesmo conteúdo e aprofundar nos aspectos criativos.

Foi escolhido o ensino fundamental II na matéria de língua portuguesa por ser o espaço no qual trabalho e vejo a necessidade da falta de material complementar inovador, incorporando nas práticas pedagógicas do conteúdo do ensino regular, a falta de troca entre os professores da sala de recursos, surgindo daí a ideia para o enriquecimento dos métodos a serem desenvolvidos para a aprendizagem do estudante com deficiência visual.

Essa etapa da escolarização, do sexto ao nono ano do fundamental, busca atender alunos com deficiência visual por meio de ferramentas que atendam dificuldades, atrelando os conhecimentos aos desafios que surgem diante de vários conteúdos além da falta de conhecimento dos professores, o preparo para a vida profissional. Neste ponto, o que mais se

encontra é a utilização da proposta do uso de colocar todos os alunos com deficiência visual por exemplo, na qualidade de ouvintes.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, também conhecido como Estatuto da Pessoa com Deficiência. A lei é destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Desse modo, a pesquisa tem como finalidade potencializar as possibilidades de construção significativa e replicação para os professores, para que reconheçam seus alunos com deficiência visual, suas dificuldades e desafios enfim as dificuldades a serem destacadas, discutidas nesse período escolar, estimulando a presença dos alunos com deficiência visual na rede regular de ensino.

## **1.2. Objetivos**

### **1.2.1. Objetivo geral**

- Elaborar um manual de orientação docente para o trabalho com Língua Portuguesa, no ensino fundamental II, com foco em estudantes com deficiência visual.

### **1.2.2. Objetivos específicos**

- Compreender os processos educativos de ensino de língua portuguesa e aprendizagem nessa escola estudada, numa perspectiva ativa, através da mobilização dos recursos do ambiente.
- Identificar as dificuldades no ensino acessível de Língua Portuguesa para estudantes com Deficiência Visual.
- Apresentar contribuições para a escola pública através do manual, recursos e estratégias de conhecimento relacionada ao desenvolvimento do estudo de língua portuguesa para aluno com deficiência visual na educação inclusiva.

## **2. A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Em todos os ambientes, encontramos desafios para as pessoas com deficiência visual, na escola também não seria diferente, apesar de buscar meios para aprenderem a lidar com as diferenças, sendo fundamental que as escolas busquem preparação para auxiliar os alunos, utilizando recursos e propostas pedagógicas que possibilitem entendimento dos mesmos.

Com empenho adequado e a parceria entre os alunos com deficiência visual, os professores e as famílias dos estudantes, podemos obter um desenvolvimento de qualidade, incrementando a educação inclusiva na sociedade, promovendo igualdade de oportunidades para todos no pleno convívio da escola.

Os graus de visão, abrangem um amplo espectro de possibilidades. A expressão “deficiência visual” se refere da cegueira até a visão subnormal ou baixa visão. A alteração da capacidade funcional da visão decorre de fatores natos ou inatos causados por diversas maneiras significativas da acuidade visual, a utilização de quaisquer resíduos visuais é importante, no sentido de aproveitar o potencial visual na vida cotidiana.

Com o uso de auxílios ópticos (como óculos, lupas etc.), a pessoa com baixa visão consegue, conforme o caso, distinguir formas e ter uma imagem funcionalmente aproveitável para seu dia a dia.

Os auxílios ópticos estão divididos em dois tipos, de acordo com sua finalidade: recursos ópticos para perto e recursos ópticos para longe. Braga, (1997, p. 12) afirma que: “Se os meus olhos não me deixam obter informações sobre homens e eventos, sobre ideias e doutrinas, terei de encontrar uma outra forma.” Daí a importância de aprender a perceber o mundo além do sentido da visão, para quem possui tal sentido severamente comprometido.

Assim também, Hellen Keller (1880-1968) abriu os olhos do mundo para a imensa capacidade e disponibilidade que o deficiente visual tem de ser útil à sociedade e interagir com o meio. (BRASÍLIA, 2001, p.143). Ela era surda cega e foi uma escritora e ativista social norte-americana. Formou-se em filosofia e lutou em defesa dos direitos sociais, em defesa das mulheres e das pessoas com deficiência. Foi a primeira pessoa cega e surda a entrar para uma instituição de ensino superior.

A cegueira sensorial era tratada, por muito tempo, com medo, superstição e ignorância. Na Idade Média, chegava-se a considerar a cegueira como um castigo dos céus, devido à crença da época.

Partindo do exemplo de Louis Braille e Hellen Keller, cabe continuar oportunizando, e desenvolvendo capacidades no ambiente escolar, elaborando o Plano de Ação, dialogando com professores e alunos; observando como ocorre o desenvolvimento dos mesmos e refletindo coletivamente, dando condições de realizar os conteúdos propostos no ambiente de aprendizagem. Estudos recentes revelam que enxergar não é uma habilidade inata, ao nascer ainda não sabemos enxergar: é preciso aprender a ver. Não é um processo consciente. Embora nem pensemos nisso, estamos ensinando um bebê a enxergar, ao carregá-lo no colo mostrando o que está ao seu redor: “Olha o bichinho; onde está seu papai?” O desenvolvimento das funções visuais ocorre nos primeiros anos de vida como forma de comunicação com o mundo exterior, portanto hoje já é possível fazer a avaliação funcional da visão em recém-nascido, ainda no berçário.

No estudo da orientação e mobilidade, o cego ou até mesmo a pessoa com baixa visão utilizam como referência o tipo de calçamento das ruas como asfalto, paralelepípedos etc., ou as curvas e esquinas das ruas de seu trajeto. Outros recorrem a pistas olfativas (uma fábrica de bolachas, por exemplo), ou auditivas (ruídos de uma praça movimentada).

Muito importante a confiabilidade da pessoa para com quem irá aprender a orientação e mobilidade, através da anamnese deve-se conhecer um pouco da história do estudante, fazer o mapeamento do espaço, das coisas que tem no local onde iria ficar e da escola. Sua insegurança podia ser por não conhecer o espaço. Assim a partir da movimentação sobre o seu corpo, para cima, para baixo, na frente, atrás, longe, perto e noção de direita e esquerda parecem coisas simples, mas de suma importância para o seu deslocamento. Outro fator importante é ir primeiro com um guia vidente, conversando e explorando todas as pistas que o ambiente os proporciona de forma prazerosa.

Em 1931 houve o movimento católico que externava seus conflitos com a escola novista pelo ensino religioso. Saviani (2007, p.195) retrata o período do equilíbrio entre Pedagogia Tradicional e Nova no período de 1932 a 1947. Na IV Conferência Nacional de Educação surgiu o rompimento entre “católicos” e “liberais” com o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”

(inep.gov.br ,1932,143). Já naquela época se pensava em organização de um sistema educacional adequado tendo um método que modificaria os olhares dos educadores e estimularia a evolução necessária aos serviços escolares.

Dessa forma, " a vivência dos estudantes é muito importante, a participação atitudinal no processo de aprendizagem", como nos lembra Vygotsky (2010, p. 691).

Nos programas de estimulação precoce e orientação e mobilidade, há técnicas especializadas para desenvolver o sentido de orientação utilizando os outros órgãos dos sentidos, o tato, a audição e o olfato para se relacionar com os meios externos, os objetos significativos que estão no ambiente ao seu alcance. O treinamento da orientação e da mobilidade permite que a pessoa se movimente e se oriente com segurança na escola, em casa, no trânsito, em locais públicos etc., de acordo com sua idade.

Para que o estudante com deficiência visual se movimente no espaço, é preciso não somente ler instruções, seguir rotas decoradas, mas estar sempre alerta, orientando em relação ao destino que queira ir. Construindo um mapa mental em constante mudança, opções que possam vir a existir em momento algum, que possam ser alteradas em sua ordem e até mesmo ensinadas concomitantemente variando de pessoa para pessoa, segundo idade, condições físicas, e vivências anteriores. Dando condições de segurança e adequação social para a pessoa com deficiência visual.

## **2.1. Um Pouco de História**

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, para que houvesse o reconhecimento de que "todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade" (ONU,1948).

A história da educação especial nos primórdios as pessoas com deficiência eram abandonadas e negligenciadas, colocadas em hospitais psiquiátricos e instituições onde eram cuidadas, como APAES, Pestalozzi e outros.

Em 1960, começaram as lutas pelas escolas e a escolarização do estudante com deficiência, onde as terapias aconteciam, em alguns casos, nas próprias instituições. Com as mudanças na educação e no ensino, promovida em vários países, a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o que ocorreu em 1948, a sociedade procurou buscar possibilidades escolares para os alunos com algum tipo de deficiência.

O desembargador brasileiro Maximiliano Antônio de Lemos, em 1839, foi até a França prestar serviços diplomáticos e lá buscou mais informações sobre a instituição para cegos. Sua curiosidade foi pelo fato de ter um amigo, cujo sobrinho era cego. Foi a oportunidade para a primeira criança cega brasileira, José Álvares de Azevedo, estudar. A família tinha condições de mantê-lo na Europa com 9 anos de idade.

No Brasil, a educação de pessoas cegas teve como marco inicial a criação do Instituto Benjamin Constant, que nasceu do sonho do adolescente José Álvares de Azevedo, em 1854. Azevedo nasceu cego, no Rio de Janeiro, enviado para França aos 10 anos, para a única escola de cegos que ficava em Paris, como acabamos de descrever, por intermédio do desembargador brasileiro. Lá aprendeu a tecnologia, o sistema Braille de leitura, criado por Louis Braille em 1825. José Álvares de Azevedo foi o pioneiro do Braille no Brasil como também o primeiro professor cego.

O Decreto Imperial n. 1428 de 12 de setembro de 1854 criou o Instituto dos Meninos Cegos, onde José Álvares opinou em todas as providências iniciais e decisivas para sua fundação. Foi inaugurado em 17 de setembro de 1854, e passou a se chamar Instituto dos Meninos Cegos (IMC) mediante o decreto n. 9 de 24 de novembro de 1889. Cumpre esclarecer, contudo, que José Álvares de Azevedo faleceu aos 20 anos de idade, um pouco antes da fundação do instituto que plantou em terras brasileiras.

Louis Braille (1809-1852), francês que ainda jovem e cego, criou o sistema de leitura para cegos, Sistema Braille. Ele possibilitou a interação da pessoa com deficiência visual, na sociedade e por meio de sua criação possibilitou a caminhada de independência e autonomia dos mesmos.

A mudança de sistema de governo brasileiro de Império para República fez com que sua denominação passasse para Instituto Nacional dos Cegos (INC), conforme Decreto n. 193, de 30 de janeiro de 1897. No ano seguinte, pelo Decreto n. 1.320 de 24 de janeiro, passou a se

chamar Instituto Benjamin Constant (IBC), em homenagem a Benjamin Constant Botelho de Magalhães, figura importante da república nascente.

Em 1942, o Instituto Benjamin Constant editou em Braille a Revista Brasileira para Cegos, primeira do país. Em 1943, instalou a imprensa Braille para atender aos estudantes do instituto. Depois de seis anos, esta imprensa passou a distribuir, gratuitamente, livros às pessoas cegas (MAZZOTTA, 1999).

O número de estudantes foi aumentando e a instituição passou por mudanças de localidade e no seu próprio nome. A mudança definitiva para o grande prédio localizado na Praia da Saudade, hoje Praia Vermelha, ocorreu em 26 de fevereiro de 1891, tendo seu nome alterado para Instituto Benjamin Constant, permanecendo este nome até hoje.

Em setembro de 1945, foi criado o ginásio, equiparado ao do colégio Pedro II em junho de 1946, abrindo-se as portas aos alunos que saíam do IBC, prontos para a vida e para a continuidade dos estudos.

Os deficientes visuais por muito tempo foram sujeitos sem direitos na sociedade brasileira, principalmente quanto ao atendimento de suas necessidades especiais no âmbito da educação. Os deficientes visuais, pessoas cegas ou com baixa visão, estão em todos os lugares e presentes no nosso cotidiano, no entanto, sua inclusão dentro da sociedade nem sempre foi realizada, faltava compreender suas especificidades e buscar meios para o atendimento de suas necessidades. (FERNANDES; SILVA; DANTAS, 2019, p. 1).

Em 1932, um grupo de intelectuais, preocupados em elaborar um programa de política educacional amplo e integrado, lançou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo e assinado por outros conceituados educadores, como Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Antônio F. Almeida Junior, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles.

O documento defendia: a educação como uma função pública; a escola sem privilégios econômicos de uma minoria, formação universitária para todos os professores; ensino laico, gratuito e obrigatório.

A democracia no Brasil foi um ponto importante abordado no manifesto. Tal qual a educação era instrumento de reconstrução da democracia, ao integrar diversos grupos sociais.

O governo federal defendia bases e princípios únicos para a educação, mas sem ignorar as características regionais de cada comunidade. O manifesto propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e definisse a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. Nessa época, a Igreja dividia com o Estado a área da educação.

Na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, reunidos em Jomtien, Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990, chegou ao consenso que a educação pode contribuir, conquistar um mundo mais seguro, mais próspero e ambientalmente saudável, favorecendo o progresso social, econômico e cultural, a tolerância e a cooperação de outros países.

Tal como a nova Constituição Federal, a educação passou a ser vista como um direito de todos, a ser ministrada pela família e pelos poderes públicos. Foram estabelecidos compromissos mundiais para garantir a todas as pessoas os conhecimentos básicos necessários a uma vida digna, condição insubstituível para o advento de uma sociedade mais humana e mais justa.

Em decorrência de compromisso assumido na Conferência de Jomtien, no Brasil tivemos o Plano Decenal de Educação para Todos, cuja meta principal era assegurar, em dez anos (1993 a 2003), às crianças, jovens e adultos, os conteúdos mínimos em disciplinas de aprendizagem que respondam às necessidades elementares da vida contemporânea. Propunha-se o fim do analfabetismo.

De 1934 a 1945, o então ministro da Educação, Gustavo Capanema Filho, promoveu uma gestão marcada pela reforma dos ensinos secundário e universitário. Naquela época, o Brasil já implantava as bases da educação nacional.

A sigla MEC surgiu em 1953, quando a Saúde ganhou autonomia e surgiu o Ministério da Educação e Cultura.

O sistema educacional brasileiro, até 1960, era centralizado, modelo seguido por todos os estados e municípios. A primeira de Diretrizes, aprovada em 1961, lei Nº 4.024, reduziu a centralização do MEC e os órgãos estaduais e municipais ganharam autonomia.

Em 1968, assegurou-se autonomia didático-científica, disciplinar, administrativa e financeira às universidades. A reforma representou um avanço na educação superior brasileira, ao organizar um modelo organizacional único para as universidades públicas e privadas. Mais à frente, em 1971, o ensino passou a ser obrigatório dos 7 aos 14 anos. O texto previa um currículo

comum para o primeiro e segundo graus e uma parte diversificada, em função das diferenças regionais. Somente em 1995 o MEC passou a ser responsável apenas pela área da educação.

Em 1996, diversas mudanças nas leis anteriores, com a inclusão da educação infantil, creches e pré-escola. A formação adequada dos profissionais da educação básica sendo prioridade. O Ministério da Educação criou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef). Os recursos para o Fundef vinham dos impostos e das transferências dos estados do Distrito Federal e dos municípios.

A Lei nº 7.853 de 24 de outubro de 1989 em que logo no início institui e assegura o pleno exercício dos direitos individuais e sociais das pessoas com deficiências, e a efetiva integração social, valores básicos da igualdade de tratamento e oportunidade, da justiça social, do respeito à dignidade da pessoa humana, o bem-estar, além de outros, indicados na Constituição pelos princípios gerais de direito.

No Brasil, no final do século XX e início do século XXI, foram reconhecidas a importância da Declaração de Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990), da Declaração de Salamanca, 1994 (ONU, 1994), da Declaração de Guatemala (1999) e da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2009) (MELLO & MACHADO, 2017).

Na Constituição Federal de 1988 garantiu-se o direito da matrícula escolar de todas as crianças. O artigo 208 da Constituição Federal de 1988 assegura o Atendimento Educacional Especializado - AEE, para alunos com deficiência (BRASIL, 1998) e o decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 estabelecia o caráter imprescindível do AEE dentro das escolas.

- I –Prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;
- II –Garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;
- III –Fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e
- IV –Assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidade de ensino (Mec. ,2007).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, foi criada em 2008, ratificando o Atendimento Educacional Especializado, AEE, um direito garantido pela constituição. Realizado no contra turno das aulas do ensino regular, é uma ferramenta importante

para organizar, elaborar estruturar e reformular e identificar recursos pedagógicos de forma a eliminar as barreiras da discriminação, possibilitando a participação de todos os alunos, levando em consideração suas necessidades especiais (QUADROS et al., 2020).

A Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994, fornece diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com a inclusão social. A Declaração de Salamanca é considerada um dos principais documentos mundiais da inclusão social, ao lado da Convenção de Direitos da Criança (1988) e da Declaração sobre Educação para Todos de 1990. Ela é o resultado de uma tendência mundial na educação inclusiva. Sua origem vem sendo atribuída aos movimentos de direitos humanos e acabando com os manicômios que surgiram na década de 60 e 70.

No documento de Salamanca, “o princípio fundamental da escola inclusiva é que todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter.

O Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005 (BRASIL. Presidência da República, 2014), em especial sua Meta 4, e em específico as estratégias da formação e como o docente atua com a atual Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Assim a pessoa com deficiência visual é destacada com a caracterização da educação especial como parte do seu mundo vivido. Essa meta propõe universalizar, a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados.

Desse modo as políticas de inclusão escolar no campo da Educação Inclusiva, precisam ampliar seus horizontes de sentidos e significados para a melhoria da aprendizagem e autonomia dos direitos dos cegos e pessoas com baixa visão.

## **2.2. . A Educação das Pessoas com Deficiência Visual em Macaé**

Em atendimento às prerrogativas dadas pela Constituição de 1988, que concedia autonomia aos Municípios, União, Estados e Distrito Federal na organização, em regime de colaboração, de seus sistemas de ensino, o município de Macaé, no estado do Rio de Janeiro, deu início ao cumprimento da Constituição ao organizar novo concurso público para o quadro permanente de professores, em 1989, como mencionado acima, aumentando também o número de estabelecimentos de ensino. Macaé a maioria das escolas já tem a sala de recursos e a cada ano vem melhorando os trabalhos e a parceria entre a saúde e educação. Neste caso entra como saúde o CEMEAIS (Psicólogo, professor de educação física, fonoaudiólogo e na educação além das salas regulares o AEE. As pesquisas foram feitas com quatro escolas de periferia, área de risco de Macaé, alunos, professores de língua portuguesa e professores de sala de recursos. A coordenadoria de educação inclusiva ao longo do ano faz eventos, seminários e formação continuada para o Aee e Ape.

O município de Macaé surgiu na metade do século XVI, na época do contrabando do pau-brasil. A coroa portuguesa com o controle da colonização dava início a distribuição de sesmarias para os religiosos e particulares. Assim, o objetivo, além de estabelecer núcleos populacionais que pudessem desbaratar os contatos travados entre os estrangeiros e os indígenas, pretendia também conquistar os índios e torná-los súditos aliados da coroa. Com base na análise da historiadora Márcia Amantino (Rio de Janeiro: Apicuri, 2011), pode-se constatar que a ocupação da Capitania da Paraíba do Sul, entre os séculos XVI, XVII e XVIII, se deu em meio a inúmeros conflitos em função do controle sobre as terras e as riquezas.

Macaé era integrante da capitania de São Tomé, onde depois trocou o nome para Paraíba do Sul denotados por Pero de Góis, onde renunciou à capitania com medo dos índios Goitacás. Mais tarde reabriu com os sete Capitães, criando currais e choupanas até a lavoura de cana de açúcar, acontecendo a ocupação colonial e em seguida o povoamento do território.

Em 1630 os padres da Companhia de Jesus solicitaram a posse de uma sesmaria da capitania Paraíba do Sul, hoje essa localização fica entre Macaé e Rio das Ostras, na época com o nome de Leriipe, fazendo parte do território macaense.

Nessa época colonial, existiam dois locais religiosos, Fazenda de Macaé ou de Santana perto do litoral e outro na fazenda de Imboassica, onde haviam os oratórios. Segundo Sheila de Castro Faria (1759), o século XVIII foi um período em que a região passou de atividades

pecuárias e da cultura de alimentos internos à exportação de cana-de-açúcar. A aceleração, grande crescimento demográfico da capitania, foi decaindo a produtividade do açúcar no recôncavo da Guanabara e mudando a capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro, acontecendo a dinamização da região. Com a expulsão dos Jesuítas em 1759, os pastos viraram canaviais.

Em 1765, a freguesia de marco divisório atingiu as terras pertencentes à vila de São Salvador dos Campos de Goytacazes na cidade de Cabo Frio e vila de São Salvador ficando ao norte do rio Macaé.

Em 1785, segundo os manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis, a freguesia de N.S. das Neves e Santa Rita do Sertão do Rio Macaé como a mais moderna dos Campos dos Goytacazes na época, com pouco número de habitantes, pobríssimos e dispersos. Alguns anos depois, em 1799, já havia um aumento em cinco fazendas, Conceição dos Adoellas, próximo ao rio São Pedro, Dona Josefa de Figueiredo, Morro do Onça, de Bernardo José Ferreira Rabelo, a do Capitão Antônio José Lopes de Araújo e a de Manoel José da Costa Martingil.

Ainda outras duas Atalaia, de Manoel Ferreira Maia e a do Frade. Teve um aumento populacional excepcional de 40 habitantes passou a ter 1691 habitantes, de 4227,5 por cento e de cativos 102, aumento para 3640 com o aumento de 3568,6 por cento. A população foi de 43% para 63%.

Em 1791, citado por João Fragoso havia 12 embarcações contendo açúcar, originadas de Macaé entraram no Porto do Rio de Janeiro.

Então, Macaé foi transformada em Vila em 1813. Anteriormente, Macaé fazia parte da vila de Campos de Goytacazes e da cidade de Cabo Frio. Neste ano, por meio do alvará de 29 de julho, passou para a Vila de São João de Macaé.

Nesse período Saint Hilaire, a Vila era vista como uma área de pouco significado, podendo ser comparada a uma pequena aldeia da França, crescendo para a margem direita do rio Macaé.

Sinalizava o início da expansão do café na Vila de Macaé e arredores em 1820. Um dado importante na expansão foi a freguesia de Quissamã dedicados a produção açucareira, adviria a projeção econômica e política da futura nobreza de Macaé.

O final da década de 80 foi marcado pela expansão da oferta de vagas nas escolas municipais, uma vez constatada a existência de aproximadamente 5000 alunos fora da escola,

além do alto índice de analfabetismo existente no município. Para atender à demanda do número de alunos, novos espaços foram abertos para o funcionamento de escolas. Prédios cedidos e casas particulares alugadas foram adaptados para funcionarem como unidades de ensino, assim como salas de igrejas.

Em março de 1989, vinte novas escolas de pré-escolar e 1º grau (hoje, respectivamente Educação Infantil e Ensino Fundamental) entraram em funcionamento. A municipalidade havia atendido, em pouco mais de dois meses, 4.500 alunos, reduzindo a grande demanda por escolas em Macaé.

A Educação Inclusiva de Macaé disponibiliza 52 Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), com professores formados para atuar com deficiência, além dos cursos de especialização na área.

O atendimento aos alunos prioriza a formação curricular dos profissionais, com investimentos em métodos e recursos nas atividades em sala de aula, mas também prevê a ampliação do número de escolas.

Os avanços para assegurar sempre o melhor atendimento aos alunos com deficiência têm sido muitos, tanto na construção do currículo, métodos e recursos oferecidos, trocas de experiências entre os profissionais, quanto no planejamento das ações específicas e na ampliação do número de escolas.

São estes os alunos do atendimento especializado em Macaé, durante a realização desta pesquisa:

Deficiência intelectual – 690 estudantes com deficiência intelectual.

Deficiência visual – 22 com baixa visão e 6 cegos.

Deficiência auditiva – 24 deficientes auditivos, sendo 7 surdos e 52 com deficiências múltiplas.

Deficiência física – 95 alunos deficientes físicos.

Autismo – 322 alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Altas habilidades – 9 alunos.

A meta do secretário Guto Garcia em 2019 é transformar as unidades municipais de atendimentos especiais em um Complexo de Educação onde os estudantes desenvolvam as

suas potencialidades no ambiente escolar desde a Educação Infantil até o 9º ano, convivendo com seus pares e desenvolvendo-se nas suas peculiaridades.

Devido à importância da convivência dos estudantes com seus pares, tentando melhorar o rendimento com suas respectivas peculiaridades, dentro da metodologia inclui educação bilíngue, no caso de surdo utilizando o currículo regular da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Em 2019, o município, disponibiliza, ainda, duas Escolas Polos para estudantes com deficiência auditiva e alunos com deficiência visual: O colégio Ancyra Pimentel, para o ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e a escola Jofre Frossard, do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) de escolaridade.

A Educação de Macaé estava se constituindo referência regional. O município de Macaé possui uma legislação municipal específica para atender os estudantes da Educação Inclusiva. Na rede inclusiva, é feito um trabalho com 12 salas de Apoio Pedagógico Específico (APE) para o ensino fundamental, com professores formados em psicopedagogia, atendendo a demanda dos estudantes com transtornos específicos de leitura e escrita, discalculia e transtornos de déficit de atenção/hiperatividade, transtorno de conduta e transtorno global de aprendizagem.

Dentro do município de Macaé os alunos especiais são aqueles com deficiências atendidos no AEE (Atendimento Educacional Especializado). São as deficiências amparadas pelo MEC atendidas no contra turno na sala de recursos ou os que têm transtornos psíquicos, TDAH, dislexia, discalculia, disgrafia e outros, atendidos no CEMEAIS (Centro Municipal de Atendimento Especializado ao Escolar) NEE (necessidades educativas especiais), assim os estudantes oriundos da rede regular municipal de ensino têm atendimento com prioridade nos módulos do Centro Municipal de Atendimento Especializado ao Escolar (Cemeaes) se localizando no Centro da cidade e no bairro chamado de Barra de Macaé, no Parque Aeroporto.

Nessas unidades, os alunos que necessitam são atendidos de forma multidisciplinar, com psicologia, fonoaudiologia, apoio pedagógico, psicomotricidade, psicopedagogo, natação e dança.

A rede pública de Macaé tem 42 mil alunos matriculados em 106 escolas onde atuam 6.400 profissionais. O transporte escolar atende 9 mil crianças. Elas são transportadas de casa para a escola e da escola para casa em vans e ônibus escolares todos os dias. Outros 7.500 estudantes adolescentes usam o transporte urbano com o passe escolar cedido pelo município.

Foram abertas mais duas novas unidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental

construídas no Bairro Lagomar, com um total de 32 novas salas de aula, salas multifuncionais, de informática e de leitura e cinco laboratórios, que também irão atender os alunos especiais.

Em dezembro de 2019, a Secretária de Educação entregou a nova Escola Municipal de Educação Infantil Professora Elisa Maria Silva de Azevedo Portugal, no Bairro São José do Barreto, com 1,1 mil metros quadrados para atender 180 estudantes na faixa de dois a cinco anos em horário integral, consolidando a proposta de todas as crianças na escola.

### **2.3. . A Inclusão Escolar e a Sala de Recursos Multifuncional**

A educação está prevista a todos os brasileiros como dever do Estado e da família, dentro da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) tendo o direito garantido.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva- Brasília - janeiro de 2008 define educação especial como a “[...] modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular” (BRASIL, 2008a). Definindo o público-alvo da educação especial.

[...] considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008a).

A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva possibilita

orientar os sistemas de ensino a garantir: a transversalidade da educação especial, perpassando por todos os níveis e modalidades de ensino; o AEE; a continuidade nos níveis mais elevados de ensino; formação de professores para o AEE e formação dos demais profissionais da educação para a inclusão; a participação da família e da comunidade; a acessibilidade; e a articulação Inter setorial das políticas públicas. Afirmando a intenção da educação especial integrar a proposta pedagógica da escola regular, instituindo o caráter complementar e suplementar dessa modalidade e não substitutivo da escolarização comum (BRASIL, 2008a).

No município de Macaé, as Salas de Recursos Multifuncionais passaram a ser classificadas sob a denominação do Tipo 1, agrupa recursos para o atendimento de diversas necessidades educacionais especiais, ao passo que as Salas de Recursos Multifuncionais do Tipo 2 possuem materiais e equipamentos específicos para o atendimento do aluno com deficiência visual/cegueira.

Com o intuito de auxiliar o processo de aprendizagem técnico e pedagógico de organização das Salas de Recursos Multifuncionais, favorecendo a inclusão do alunado, publicado, em 2006, o atendimento educacional especializado constitui parte diversificada do currículo dos estudantes com deficiência, organizado institucionalmente para apoiar, complementar e suplementar os serviços educacionais comuns.

São atividades curriculares específicas desenvolvidas no atendimento educacional especializado em salas de recursos: o ensino da Libras, o sistema Braille e o Soroban, a comunicação alternativa, o enriquecimento curricular, dentre outros. (BRASIL, 2006, p. 15).

A Educação de Macaé realiza trabalho de excelência na qualificação dos profissionais. Durante todo o ano letivo são realizados seminários, cursos de formação, palestras e encontros municipais e regionais para trocas de experiências com outros municípios, o que tem fortalecido o trabalho nas sumidades da rede local. São realizadas nas escolas a Semana da Educação Inclusiva, com ações que encantam os públicos e contribuem para disseminar a cultura de que incluir significa cuidar, sendo uma ação política, cultural, social e pedagógica. É uma ação que depende do olhar do outro, do cuidar e do envolver de todos enquanto cidadãos que aprendem, trocam, aplicam e repassam o conhecimento apreendido. Portanto, “[...] por meio do desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, centradas em um novo fazer pedagógico que

favoreça a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar”. (BRASIL, 2006, p. 13).

Assim, as Salas de Recursos devem dispor de mobiliários, materiais didático-pedagógicos, equipamentos de informática e outros recursos de acessibilidade adequados aos alunos com deficiência. O atendimento deve ser realizado individualmente ou em pequenos grupos no contra turno do horário das aulas regulares.

A diversidade de habilidades, experiências e a maneira de cada um se desenvolver será única, através do contexto pelo qual serão proporcionadas e oferecidas diferentes práticas inclusivas. Necessário ter criatividade nas adaptações para que consiga atingir o aprendizado e até o respeito. É fundamental observar as necessidades dos educandos com amor, sabedoria e compromisso, constituindo parcerias, dando condições para fazer adequação para o desenvolvimento das pessoas que, proporcionando condições de poderem expressar seus pensamentos, opinando sobre a sua realidade e desejos, no estímulo à autonomia e à independência, favorecendo as pessoas com deficiência em todas as fases da vida.

No Brasil, a meta 4 do Plano Nacional de Educação procura universalizar o atendimento a alunos a partir de 4 anos há 17 anos com deficiência, por meio do acesso à inclusão, com o direito de todos frequentarem as salas regulares, não aceitando nenhum tipo de discriminação. As Salas de Recursos Multifuncionais funcionam, assim, com atendimentos no contra turno, não sendo substitutas das aulas regulares.

O Atendimento Educacional Especializado identifica as demandas específicas e elabora recursos pedagógicos e de acessibilidade que possam eliminar barreiras que poderão existir, garantindo o direito à inclusão e sua autonomia no decorrer do desenvolvimento.

Contudo, a inclusão escolar ainda enfrenta diversos entraves em sua implementação, as dificuldades e a luta para que possamos viver em um mundo de igualdade de direitos ainda é enorme. Se, por um lado, a lei já assegura acesso e permanência de pessoas com deficiência em escolas comuns, por outro, a política de formação acadêmica docente, seja inicial ou continuada, ainda tem dificuldades em alcançar aqueles que atuam em sala de aula (CAIADO, 2003; MANZINI, 2014).

Em meio a este emaranhado de busca pelo melhor atendimento aos estudantes com deficiência está então a formação, o conhecimento do professor e de toda a equipe escolar. Este

trabalho pretende apresentar um manual que possa facilitar este entendimento, pelo menos no que diz respeito aos estudantes com deficiência visual incluídos no início do Ensino Fundamental, em Macaé.

### **3. METODOLOGIA**

Este trabalho visa apresentar o estudo da construção de um manual para rede pública de Macaé relacionado à educação inclusiva para melhorar e aperfeiçoar o desenvolvimento da oportunidade de aprendizagem do estudante com deficiência visual, a parceria de troca de experiências com o apoio da sala de recursos com o professor da sala regular. Buscando por meio de entrevistas semiestruturadas melhorias para desenvolver as propostas pedagógicas do aluno do ensino fundamental II, além da opinião dos próprios estudantes, propondo flexibilização onde os estudantes possam ter condições de resolver as atividades propostas para as escolas da rede pública de Macaé dentro das perspectivas do ensino inclusivo no Brasil partindo do resultado das entrevistas.

A proposta é apoiar o professor com instruções contextualizadas de acordo com a dificuldade encontrada pelos estudantes com deficiência visual, confirmadas nas observações e entrevistas. Pretende-se, assim, possibilitar estratégias para possíveis melhorias no processo ensino aprendizagem, no caso aqui pesquisado, referente ao acompanhamento da transição para o ensino fundamental II, na disciplina de língua portuguesa. Visando proporcionar aos estudantes com deficiência visual, autonomia e desenvolvimento do seu aprendizado além de estímulo e flexibilização do conteúdo.

Esta abordagem procura compreender, na prática, as políticas educacionais desempenhadas no atendimento especializado dentro do contexto das referências e das leis pertinentes que regem o aparato do funcionamento escolar. Deste modo, vamos buscar ampliar a qualidade para a educação pública no município de Macaé e assim, para os estudantes com deficiência visual, estimulando sua autonomia. Nesta pesquisa, em se tratar de ciências humanas,

já foi aprovado pelo Conselho de Ética, pela Plataforma Brasil, cumprindo todos os protocolos de exigência. Assim também os responsáveis dos alunos e os professores preencheram o termo de livre e esclarecido. Elaborar entrevista para que sejam formuladas opiniões a respeito das dificuldades dos deficientes visuais que têm como objetivo aclarar pontos importantes dentro processo de aprendizagem do estudante com deficiência visual do sexto ano do ensino fundamental no conteúdo de língua portuguesa.

Comparar as experiências com intuito de obter propostas inovadoras incorporando nas práticas pedagógicas diárias do ensino regular, surgindo daí a ideia para o enriquecimento dos métodos a serem desenvolvidos dentro dos conteúdos do ano escolar para a aprendizagem do estudante com deficiência visual.

A metodologia desempenha um papel essencial no desenvolvimento do projeto, como atividades, ações bem elaboradas para o alcance dos objetivos propostos, com estudantes do sexto ano do ensino fundamental II, para fortalecer a base do início da trajetória com os aumentos de matérias, na transição do fundamental I para o fundamental II, interpretando e expressando opiniões frente a suas ideias sobre o contexto vivido.

A metodologia desempenha um papel essencial no desenvolvimento do projeto, como atividades, ações bem elaboradas para o alcance dos objetivos propostos, com estudantes do sexto ano do ensino fundamental II, para fortalecer a base do início da trajetória com os aumentos de matérias, na transição do fundamental I para o fundamental II, interpretando e expressando opiniões frente a suas ideias sobre o contexto vivido.

Entende-se, o ambiente escolar, a bibliografia envolvida no contexto diário escolar, além da soma do meu olhar e experiência enquanto parte deste cotidiano. Tentando buscar a melhoria dos questionamentos colocados, a pesquisa bibliográfica, optei por uma abordagem qualitativa, por apresentar um instrumento detalhado para a compreensão dos significados e algumas características das situações apresentadas pelo aluno com deficiência visual do sexto ao nono ano, da investigação, considerando suas experiências e daqueles ao seu redor, que constituem a comunidade escolar (CERTEAU, 1994) e (ALVES, 2015).

A atividade será avaliada por meio de uma entrevista semiestruturada para que o estudante, o professor de língua portuguesa, além do professor da sala de recursos, em conversa com a pesquisadora, avalie a realidade do desenvolvimento do contexto da aprendizagem.

Outrossim, entender as necessidades desse estudante no ensino do sexto ano do fundamental II da escola pública, para aprimorar o seu desenvolvimento, viver de maneira independente e ativa, percebendo que aprendemos todos os momentos quando são oferecidas oportunidades dignas de direito perante a o espaço regular, do qual os estudantes estejam inseridos. É preciso desenvolver informações necessárias ao processo de aprendizagem, organizadas de forma planejada, não deixando de proporcionar estratégias diante das dificuldades que, de modo geral, para os estudantes com deficiência visual, contribuem nos processos de ensino e de aprendizagem.

A pesquisa terá uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa exploratória. Segundo Gil ,(2002) a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torna-los mais explícitos ou a construir hipótese inclui levantamento hipóteses inclui levantamento bibliográfico e entrevistas) e seu instrumento de coleta é a entrevista semiestruturada, realizada em quatro escolas municipais da cidade de Macaé/RJ na região dos lagos (Colégio M. Prof. Samuel Brust, Colégio M. Ancyra Gonçalves Pimentel, Colégio M.Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo, Colégio M. Prof. Elza Ibrahim), onde tem aumentado bastante o número de estudantes com deficiência.

Essa pesquisa contou com cinco estudantes com deficiência visual, conforme Quadro 1, a seguir, os estudantes estão identificados, aleatoriamente, por letras de nosso alfabeto.

Nome	Ano	Idade	C. Visual	Escola
J	6º	12	Baixa visão	Colégio Municipal Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo
I	7º	13	Baixa visão	Colégio Municipal Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo
R	9º	16	Cego	Colégio Municipal Professora Ancyra Pimentel
K	8º	15	Baixa visão	Colégio Municipal Elza Ibraim
E	6º	11	Baixa visão	Colégio Municipal Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo

Quadro 1: Estudantes com deficiência visual

A pesquisa também contou com nove professores (cinco de língua portuguesa e quatro da sala de recursos), conforme quadro 2, a seguir:

Nome	LP	Sala de Recursos	Gênero	Tempo	Escola
D	x		Feminino	5anos	Colégio Municipal Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo
CN	x		Feminino	22anos	Secretária Municipal de Educação (Coordenadora)
A	x		Feminino	32anos	Colégio Municipal Professora Ancyra Pimentel
I	x		Feminino	20anos	Colégio Municipal Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo
G	X		Feminino	18anos	Colégio Municipal Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo
I		x	Masculino	13anos	Colégio Municipal Professora Ancyra Pimentel
S		x	Feminino	4anos	Colégio Municipal Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo
K		x	Feminino	3anos	Colégio Municipal Samuel Bruch
A		x	Feminino	6anos	Colégio Municipal Elza Ibraim

Quadro 2: Professores de Macaé

Assim, respondendo às questões feitas na entrevista, buscando a compreensão de como se sente o estudante e o professor dentro da perspectiva de aprendizagem no âmbito escolar público, como se dá esse aprendizado e a troca de experiências, como se sentiram os estudantes ao chegar no ambiente e quais as dificuldades encontradas no espaço escolar de ambos, como são recebidos os estudantes pelos colegas de sala e professores, as salas têm quantos alunos e o que esperam do futuro, como trazer um ambiente escolar mais democrático, flexível e receptivo para os alunos deficientes visuais, nos diferentes espaços escolares e sociais? São perguntas diferentes para cada grupo de acordo com a necessidade da pesquisa, aparatos para responder o produto para ajudar na confecção do manual.

Por fim, o manual pretende se apropriar de propostas de atividades e de formas de uso de equipamentos e ferramentas, de maneira a superar algumas dificuldades encontradas no processo do ensino ou pelo menos, fazer refletir, podendo ajudar ao utilizar alguma tecnologia ou mesmo na construção de alguma atividade.

Pretende-se também, estimular o professor na formação continuada para estar aberto ao trabalho com o deficiente visual, propondo atividades que despertem o interesse e que acreditem no potencial de aprendizagem do aluno com deficiência visual, eliminando qualquer prática de preconceito, assim como minimizando as dificuldades impostas por essa deficiência.

Assim, vamos pesquisar a bibliografia sobre a teoria do cotidiano, sobre o desenvolvimento do deficiente visual e sobre estratégias pedagógicas para conhecer e compreender o processo de aprendizagem do estudante. Buscar o levantamento bibliográfico, para respaldar os assuntos discutidos em sala de aula, observando o cotidiano, fazendo a entrevista, o diário de campo, momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida. Segundo DENZIN; LINCOLN. et al. 2006, p. 17: “[...] dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.”

Deste modo, vamos contribuir para a sensibilização do ambiente escolar, para que seja mais respeitoso com os alunos com deficiência visual, com a colaboração do manual escrito.

A entrevista é a oportunidade de mapear e compreender a escola regular no caminho inclusivo do estudante com deficiência visual, averiguando e descobrindo fatores que influenciam os pensamentos, sentimentos ou ações das pessoas fornecendo dados básicos para “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” em relação aos atores sociais e contextos sociais específicos. (MINAYO, 2008; CERVO; BERVIAN, 2007).

### **3.1. O Cotidiano Escolar Enquanto Metodologia**

O trabalho do cotidiano escolar se constrói com o ensino-aprendizagem dentro e fora da instituição. A metodologia é pensada durante todo ano escolar pelos educadores da escola, dentro da proposta do Parecer Pedagógico do Colégio. O professor dentro da educação continuada que

aborda temas diferentes visando melhorar as dinâmicas na sala de aula e no cotidiano escolar entre todos: estudantes, professores e pessoal administrativo e de apoio que precisam estar envolvidos no trabalho diário.

Todo o trabalho obedece às diretrizes do Ministério de Educação (MEC) e os eixos norteadores das escolas contemplam atividades integradoras como princípio educativo, a metodologia da problematização como instrumento de incentivo à pesquisa, a curiosidade pelo inusitado e o desenvolvimento do espírito inventivo, nas práticas didáticas.

Vem sendo caracterizado por estimular o comportamento ético um momento comum no convívio com a diversidade, como ponto de partida para o reconhecimento dos deveres e direitos da cidadania; pelo reconhecimento, com o respeito mútuo, acolhimento da identidade do outro e pela incorporação da solidariedade, priorizando-se o ensino-aprendizagem dentro de aspectos avaliativos quando necessário adaptados de acordo com sua capacidade de aprendizagem focada no desenvolvimento contínuo do estudante e não na deficiência, por uma escola de fato inclusiva, com a vivência de fatos que sejam comuns no ambiente aplicado no seu cotidiano.

A educação inclusiva é um processo educacional inserido em uma proposta pedagógica que deva propiciar um conjunto de estratégias e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para subsidiar, complementar, suplementar e garantir a escolarização ao promover o desenvolvimento dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais. (UFPE, 2016, p. 72).

É possível, dessa maneira, que ocorram transformações nas atividades pedagógicas, ao se deparar com estudantes com deficiência na sala de aula, tendo de elaborar exercícios que venham contemplar suas necessidades, através do conteúdo pautado do ano em que está inserido, evidenciando no decorrer, melhorias nas práticas educativas que beneficiam todos os estudantes, além da comunidade escolar como confiabilidade de gestores e professores desenvolvendo habilidades para apoiar as necessidades individuais de cada estudante, no sentido humano e de aprendizagem, formando cidadãos menos preconceituosos e mais respeitosos em relação à diversidade do mundo.

As dimensões do currículo são pensadas a partir do olhar filosófico assumido pela proposta que surge em diálogos com as sugestões apresentadas coletivamente nos grupos

de trabalho da rede e em consonância com a ideia do currículo valorizador da diversidade e do conhecimento. Buscando a pluralidade de identidades individuais, coletivas e institucionais, trazendo-as sob a forma de afirmações que devem perpassar por todos os conteúdos, níveis e modalidades de ensino. A ideia é que essas dimensões sejam o futuro, nas áreas específicas de conhecimento, sendo articuladas aos conteúdos, em construção coletiva, por parte dos professores.

As dimensões integradoras apresentadas podem ser sintetizadas em sentenças que traduzem comportamentos e habilidades a serem desenvolvidas no currículo. Como valorizar a diversidade e a sustentabilidade; trabalhar proativa mente e reativamente no desafio ao preconceito; cuidar do patrimônio e a cultura do município de Macaé e de outros locais, para enriquecimento pessoal e coletivo; posicionar de forma crítica e autônoma o conhecimento; articular e integrar os conteúdos curriculares entre si, inclusive o tecnológico; perceber implicações éticas de atitudes no cotidiano escolar; compreender a construção do conhecimento como histórica e culturalmente situada.

Pais, responsáveis e estudantes podem acompanhar o cotidiano escolar por meio do Portal do Aluno no município de Macaé. Nessa ferramenta, são disponibilizados dados como corpo discente e docente, frequência, notas, documentação, calendário e horário das aulas. O portal contribui na integração, democratização e gerência das informações, facilitando a pesquisa dos dados tanto da escola quanto dos pais e responsáveis.

### **3.2. O Calendário Escolar**

Com a volta às aulas no ano de 2022, o ano letivo iniciará no dia 7 de fevereiro e com o encerramento previsto para o dia 21 de dezembro do mesmo ano. São oferecidos os dias letivos anualmente distribuídos em quatro bimestres, garantindo o mínimo de 200 dias letivos. São eles:

-1º Bimestre - de 7 sete de fevereiro a 29 de abril,

-2º Bimestre - de 2 de maio a 8 de julho;

-3º Bimestre - de 26 de julho a 30 de setembro;

-4º Bimestre - de 03 de outubro a 21 de dezembro.

A portaria da Secretaria Municipal Adjunta de Educação Básica divide a apresentação dos períodos em férias, recessos e atividades internas na escola, seguindo e respeitando os feriados nacionais, estaduais e municipais.

Macaé segue a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, observando que a Educação Básica seja organizada estabelecendo com a carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas.

Caberá às unidades escolares que ofertam a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), e as que atendem ao 2º segmento do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, estabelecerem obrigatoriamente dois sábados letivos durante o 1º semestre, de modo a garantir os 100 dias letivos em atendimento à legislação vigente. Os membros do magistério, em especial os professores regentes do magistério e contratados, poderão ser convocados para trabalhar no período de recesso escolar para concluir eventuais pendências, bem como para reposição de dias letivos com carga horária e outros acontecimentos internos. Já o feriado do dia 29 de julho será considerado letivo somente para as unidades municipais que participarem do desfile em comemoração ao aniversário da cidade de Macaé, dez por cento do quantitativo de alunos matriculados representando assim o importante acontecimento do aniversário do município de Macaé ainda no mesmo mês, tem como padroeiro São João Batista sendo uma grande festa em julho.

O calendário escolar, se necessário, poderá sofrer alteração ou adequação, em conformidade com as peculiaridades locais, recomendações sanitárias e qualquer outro se houver fatores supervenientes que impeçam substancialmente o período letivo de ocorrer conforme o calendário.

A seguir, apresenta-se o Calendário do Ano Letivo de 2021.



CALENDÁRIO ESCOLAR																																			
																															ANO LETIVO - 2022				
MESES	DIAS	1º	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	Total de dias letivos		
Janeiro	SF	D							S	D						S	D																	Mensal	Bimestral
Fevereiro		♦	♦	♦	S	D	→					S	D							S	D							S	D	R				16	51
Março	F	R	R	R	S	D						S	D							S	D							S	D					19	
Abril		S	D							S	D				R	F	S	FD				F	R	SF	D						S			17	
Maio	FD					S	D								S	D													S	D				22	47
Junho				S	D							S	D				F	R	S	D					F	S	D						19		
Julho		S	D						S	D	R	R	R	R	R	S	D	R	R	R	R	R	R	S	D	R			FL	S	D			6	
Agosto					S	D						S	D							S	D							S	D					23	
Setembro			S	D			F			S	D							S	D									S	D					21	
Outubro	S	D							S	D		F			SF	D								S	D						S	D		20	
Novembro		F			S	D						S	D	R	F					S	FD							S	D					19	
Dezembro			S	D							S	D						S	D			←	R	R	S	FD	SI	SI	SI	SI	R	S		15	
Sábados letivos a serem definidos pela Unidade Escolar.																															3				
TOTAL DE DIAS LETIVOS PREVISTOS																															203				

Início do Ano Letivo - 07/02/2022
Término do Ano Letivo - 21/12/2022

Prova Final
19/12/2022
20/12/2022
21/12/2022

Conselho de Classe		
Bim.	Início	Término
1º	24/04/2022	06/05/2022
2º	01/07/2022	08/07/2022
3º	30/09/2022	08/10/2022
4º	09/12/2022	16/12/2022

Bimestres	
1º	07/02 a 29/04
2º	02/05 a 08/07
3º	26/07 a 30/09
4º	03/10 a 21/12

♦	Início das atividades pedagógicas
→	Início do período letivo
←	Final do período letivo
R	Recesso
SI	Serviço Interno - Atividades internas na Unidade Escolar
	Férias do Professor
	Recesso escolar para professores regentes e alunos
FL	Feriado Letivo
	Dia Nacional do Censo Escolar da Educação Básica - 25/05
CCF	Conselho de Classe Final

Figura 1: Calendário Escolar de Macaé, ano letivo de 2021

Assim, este é o contexto do ano letivo de 2021 em Macaé, ano em que realizamos a pesquisa no campo com os alunos e com os professores.

A escola onde visitei, fui bem acolhida e ficando à vontade para realizar o questionário, para a realização do trabalho pude perceber que o manual vai ser de grande valia, podendo observar e compreender o que acontece na realidade da escola pública no município de Macaé. Visitei quatro escolas de periferia algumas em área de risco, são elas:

- Colégio M. Prof. Samuel Brust, com 1055 estudantes matriculado no ensino fundamental II e EJA, contendo duas salas de AEE, tipo I e Tipo II; localizado no Loteamento dos Servidores - R. Justiniano Vieira, s/n - Centro, Macaé – Rio de Janeiro. Situado em área de risco, devido ao acúmulo de comunidades próximas e o nível de violência.



800 x 534



1.024 x 683



Figura 2: Foto do Colégio M. Prof. Samuel Brust, encontrado no acervo da pesquisadora.

- Colégio M. Ancyra Gonçalves Pimentel, com 733 estudantes no ensino fundamental II e Eja Fundamentais e anos Finais; Avenida Amaral Peixoto, 555 - Miramar, Macaé – Rio Janeiro.



Figura 3: Foto do Colégio M. Ancyra Gonçalves Pimentel, encontrado no acervo da pesquisadora.

- Colégio M. Dr. Claudio Moacyr de Azevedo com 1030 estudantes no ensino fundamental II, Eja ensino regular, fundamental e anos finais; localizado na rua Francisco Teixeira Junior, SN- Parque Aeroporto, Macaé - Rio De Janeiro.



Figura 4: Foto do Colégio M. Dr. Claudio Moacyr de Azevedo, encontrado no acervo da pesquisadora.

- Colégio M. Prof. Elza Ibrahim, com 1159 estudantes no ensino fundamental I, no fundamental II, Eja, fundamental e os anos finais. Localizada na Estrada do Caminho, S/Nº - Ajuda de Baixo, Macaé – Rio de Janeiro. Situado em área de risco, devido ao acúmulo de comunidades próximas e o nível de violência.



Figura 5: Foto do Colégio M. Prof. Elza Ibrahim, encontrado no acervo da pesquisadora.

### 3.3. Professores de Língua Portuguesa e a sala de aula

No decorrer da pesquisa, buscaram-se os pressupostos dos cotidianos escolares através de vários autores, como Alves e Garcia (2008), que tratam dos acontecimentos diários, buscando nas observações durante a pesquisa ultrapassar os limites da sala de aula. O Atendimento Educacional Especializado é importante na construção do conhecimento, através da troca junto ao professor, na sala, na escola, com participação e apoio familiar, no compromisso e credibilidade em acreditar no desenvolvimento do aluno com deficiência, sendo trabalhado no contra turno. O estudante com deficiência visual sem outro comprometimento, com o material adequado, consegue aprender de forma igualitária a todos, tendo possibilidade de conhecer e estudar a Língua Portuguesa e as oportunidades presentes ao usuário na modalidade escrita dessa língua por meio do Braille. A prática educacional é importante, o convívio direto e a participação no ambiente escolar objetivam esse processo de aprendizagem inclusiva, pensando nos desafios e dificuldades, mas objetivando as práticas.

A aquisição de novos conhecimentos pelo aluno com deficiência visual, possibilitará a participação ativa e significativa, além da troca de experiências entre professor e o estudante de forma mais amigável em sala e democrática na condição de as barreiras existentes no decorrer da aprendizagem.

Ao inovar, aproveita-se a oportunidade das experiências de todos que possam influenciar na criatividade, melhorando o desenvolvimento do aluno com deficiência visual na escola. Dessa forma, como nos lembra Vygotsky (2010):

[...]. Então o meio, a situação de alguma forma influencia a criança, norteia o seu desenvolvimento. Mas a criança e seu desenvolvimento se modificam, tornam-se outros. E não apenas a criança se modifica, modifica-se também a atitude do meio para com ela, e esse mesmo meio começa a influenciar a mesma criança de uma nova maneira. Esse é um entender dinâmico e relativo do meio [...]. (VYGOTSKY, p.11, 1935/ 2010).

Cada ambiente constitui-se em uma nova experiência. Essas experiências são fundamentais para as subjetividades dos seres humanos se encontrarem, principalmente ao pensar em alunos com deficiência visual e no seu cotidiano escolar, explorando e dominando os espaços para sua auto segurança, com novos desafios de superação. O desenrolar desta pesquisa trará consigo significativas contribuições ao contexto do ensino-aprendizado dos

estudantes com deficiência visual e também para as pessoas com as quais eles têm convivência diária, dando continuidade pela sala de recursos do ensino fundamental II.

É preciso melhorar com o trabalho desenvolvido, a autoestima do aluno com deficiência visual, dar suporte, condições de participação no ambiente escolar, conseguir se locomover na escola, buscar parcerias e recursos mobiliários adaptados, caso necessite, dentro da sala de aula. Através do conhecimento, encontrando suporte para exercer o compromisso de melhorar a qualidade de vida, pautado no conhecimento de seus direitos e buscar mediante a lei, propiciar condições para que os estudantes com deficiência visual utilizem mecanismos de informações que contribuam para o seu desenvolvimento biopsicossocial.

Assim, a gestão democrática da educação dentro das propostas de reformas educacionais dá voz ao estudante com deficiência visual, o que ratificamos neste trabalho de pesquisa.

Nesse contexto, o Banco Mundial, a UNICEF e a UNESCO pressionam o país em função do identificado atraso educacional, propondo como uma das metas o lema "Educação para Todos", que se destaca como uma das principais exigências para a concessão de empréstimos internacionais (ARELARO, 2003).

O aluno com deficiência visual precisa ser visto na sociedade em que vivemos com respeito e mais oportunidades. Para Temporini e Kara-José (2004):

A estimativa de prevalência de cegueira no Brasil sofre variações em termos de diferentes níveis socioeconômicos existentes em áreas mais ou menos desenvolvidas. Pode-se, assim, estimar a prevalência de 0,25% em locais semelhantes a países desenvolvidos e de 0,75% em áreas mais pobres economicamente. (TEMPORINI; KARA-JOSÉ, p. 598)

O fato é que, precisa ser discutido o futuro do aluno com deficiência visual do sexto ano do ensino fundamental II, para que possa manejar o computador, como membro da geração tecnológica, no entanto, não podendo privá-los da leitura e da escrita em Braille.

Devemos buscar sempre o direito de expressar sua própria voz, fortalecer o movimento pelos direitos humanos e avanço das ciências médicas e tecnológicas no campo da reabilitação do estudante com deficiência visual. Podendo, partindo de debates originados em sala de aula, na disciplina de língua portuguesa, na qual se trabalha variados gêneros textuais, promover esta oportunidade de fala e reflexão.

A educação inclusiva, ainda engatinhando, com longo caminho a percorrer, com os desafios a enfrentar, precisa que haja uma reorganização das políticas e parcerias para a educação de igualdade, dando qualidade às pessoas com deficiência visual, tornando-se seres ativos na sociedade. Os estudantes com deficiência visual, nos processos de ensino e de aprendizagem.

É preciso enfrentar os desafios e compreender como se dá a inclusão de estudantes com deficiência visual no ensino inicial do fundamental II, garantir sua permanência nesses ambientes, participando ativamente e acreditando na possibilidade do seu sucesso acadêmico.

Assim, pretendo construir um trabalho sobre a produção de materiais especializados para professores que trabalham com estudantes com deficiência visual, levando em consideração o cotidiano da escola. Construir o trabalho por meio da troca de conhecimentos, na qual minha experiência profissional, dos estudantes e professores da escola fazem parte deste cotidiano, pretendo buscar ir além dos referenciais teóricos, capazes de demonstrar a realidade e os desafios da escola frente ao estudante com deficiência visual no ensino fundamental II.

Nesse sentido, ressalta-se a relevância de que uma proposta pedagógica com referenciais curriculares voltada para um conceito de sociedade baseada na pluralidade, nas diferentes culturas e desafiando desigualdades em todos os sentidos. Nessa perspectiva, a cidadania passa a ser entendida não como um conceito abstrato, único, mas como noção vinculada ao compromisso com a diversidade e com os direitos e deveres relativos à diversidade. A educação é percebida como palco de difusão como troca entre saberes plurais, desde o início da escolarização produzidos pelas trocas de conhecimento nos grupos e identidades coletivas que compõem a sociedade.

A educação do século XXI tem como desafio responder a novos paradigmas, centrados no ensino democrático, no sentido de reconhecer a diversidade de interesses, de identidades, de culturas, de classes sociais e necessidades pedagógicas; de valorização das vivências cotidianas, das tradições de diálogo, as tecnologias e saberes indispensáveis para a plena integração dos alunos no mundo.

O município de Macaé que, embora possua mercado de trabalho, aquecido pelas atividades petrolíferas e empresas offshore de petróleo e gás, depara-se com um quadro de competitividade que exclui a mão de obra menos favorecida, do ensino público, carente de

políticas educacionais consistentes, o que contribui, de forma perversa, para a perpetuação das desigualdades sociais. Verificou-se, a partir de todas as discussões e análise dos materiais, que longe de empreender a defesa de uma educação tecnicista ou empresarial, trata-se de pensar em uma educação para a língua portuguesa, voltada para o pleno desenvolvimento e direito à cidadania o que, no caso de Macaé, traduz-se também numa educação que promova a democratização das riquezas do petróleo, para que a pessoa com deficiência visual possa buscar os seus direitos, dando continuidade ao estudo, terminando o nono ano.

Tais aspectos, reiterados em nossas discussões, apontam para a valorização da diversidade; o domínio de conhecimentos e a democratização da educação para a cidadania, como aspectos relevantes para se pensar na matriz filosófica da proposta pedagógica para a rede municipal de Macaé, partindo do início do fundamental II com discursos relevantes nas aulas de língua portuguesa.

#### **3.4. O Estudante da pesquisa com Deficiência Visual**

A proposta pedagógica da rede municipal de educação de Macaé assenta-se em uma perspectiva de valorização da diversidade cultural e de articulação dos conteúdos e habilidades curriculares. Para Candau & Moreira (2011), durante toda a nossa vida realizamos aprendizagens de naturezas diversas, sendo que, neste processo, tanto o desenvolvimento biológico quanto o domínio das práticas culturais existentes no nosso meio são imprescindíveis para a realização do acontecer humano como experiência que atravessa toda sociedade e toda cultura, caracterizado não somente pela unidade do gênero humano, mas, sobretudo, pela riqueza da diversidade.

Prosseguem os referidos autores afirmando que o nosso grande desafio está em desenvolver uma postura ética de não hierarquizar as diferenças e entender que nenhum grupo humano e social é melhor ou pior do que outro.

Ao mesmo tempo, pontuam que a diversidade cultural se dá lado a lado à construção de processos identitários, uma vez que, assim como a diversidade, a identidade, como processo,

não é inata, mas se constrói em determinado contexto histórico, social, político e cultural. (Candau & Moreira, 2011, p. 22). De fato, a matriz filosófica valorizadora da diversidade cultural e sua articulação ao currículo escolar baseia-se na busca da formação de identidades que, para Canen & Canen (2005a, b), Canen & Santos (2009) e Januário et al (2011), podem ser compreendidas em três níveis: individual, coletiva e institucional.

Todo estudante precisa ter, na prática, o direito à educação de qualidade. Com os alunos cegos e com baixa visão não é diferente: todos eles vivenciam todas as perspectivas de crescimento e ingresso no ensino regular, possibilitando o desenvolvimento de todas as suas potencialidades como indivíduos ativos, participantes, solidários, colaboradores, críticos, construtores, criativos, comprometidos com sua própria realidade e, ainda, integrados e transformadores do contexto social revelado no ambiente escolar em que estão inseridos.

Para que isso ocorra, o papel do professor é fundamental, a responsabilidade, recursos de acessibilidade adequados ao processo de desenvolvimento.

A aprendizagem em braille é fundamental para a comunicação do aluno cego, apesar de que hoje existem outras formas de tecnologia que também contribuem para a autonomia do aluno cego, a leitura no Sistema Braille é muito importante para a formação da pessoa cega.

A adaptação de imagens dá condições de percepção da realidade em que os estudantes estão inseridos.

O Ministério da Educação (MEC), desde 2011 lançou mais um aparato para o aprendizado, adotou o formato Daisy, que é reconhecido internacionalmente como um dos mais modernos recursos de acessibilidade de leitura, o formato Daisy (Digital Accessible Information System) é um padrão técnico para audiolivros digitais, periódicos e textos informatizados, para a produção da versão acessível do Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD), responsáveis pela produção da maioria dos títulos acessíveis que chegam às mãos dos estudantes da rede pública de ensino do Brasil. Na prática, com um tocador específico, o estudante passa a ter acesso ao livro em áudio.

Promover e facilitar o acesso e a permanência na escola, na rede pública e regular de ensino ainda é um desafio, pois existem alguns obstáculos: algumas das questões que surgem são o despreparo e a falta de capacitação de professores e educadores para lidar com esses estudantes, a insuficiência de equipamentos adaptados e acessíveis que possibilitem um

desempenho escolar adequado, além de ambientes pouco permeados de atitudes que realmente favoreçam a verdadeira inclusão. O respeito à dignidade do ser humano não deve ser somente discutido, mas também exercitado pela prática diária nos ambientes escolares. É isto que o manual, aqui proposto, pretende facilitar.

### **3.5. O Professor da pesquisa da Sala Regular**

Nesse caminhar, perceber que para consolidar um currículo comprometido com a inclusão, é preciso ser relevante no conteúdo, estabelecer relações com pessoas com deficiência, para entender seus potenciais de aprendizado, suas dificuldades e limitações, possibilitando incluí-las no meio social, com respeito e tratando-as com dignidade.

Na área da educação, os professores confrontam-se com novos papéis que surgem a cada instante na sociedade. Com os desafios, o professor, desempenha suas atividades com as habilidades, criatividade e competências de maneira flexível, dentro do contexto. Segundo Philippe Perrenoud, identificou-se a competências que o grupo de professores julga importante na atualidade e analisou-se a utilidade de uso nas suas atuações, enquanto profissionais do ensino.

O professor sendo capaz de mobilizar e traduzir em objetivos de aprendizagem, em função dos quais orientar o trabalho na sala de aula na procura do conhecimento, partindo do estimular o aluno a resolver sua curiosidade com a perspectiva do direcionamento ao como encontrar para o seu desenvolver de forma a se descobrir através de si mesmo. Indicando o caminho para que consigam, com autonomia, se expressar e resolver as barreiras encontradas pelo caminho da aprendizagem. Não é fácil, hoje, assumir o papel de professor devido a gama de atrações pelo mundo fora, mas é preciso o direcionamento humano, o conduzir que os estudantes possam ter sua autonomia e no desenrolar de suas vidas, busquem o seu próprio crescimento. O professor consciente insere a escola no mundo e não a deixa à margem da sociedade.

O Professor de sala de recursos de no Município de Macaé ainda tem muita vontade de

resolver as situações da inclusão mais ainda está percorrendo, tendo dificuldades, mas acreditando na esperança, faltando diversos aparatos, recursos, falta de amplitude diante dos desafios escolares, como as parcerias como saúde e as vezes no próprio colégio e na família. Quanto ao professor de sala de aula, no caso de Língua portuguesa ainda é necessário reparar ou melhor conscientizar que são professores de todos, não generalizando mais ainda muitos não se qualificaram e enxergaram os estudantes com deficiência visual deixando os próprios à margem do conhecimento, fora do conteúdo do ano em que está inserido, através de pensamentos retrógrados. Nesta busca o manual traz possibilidade de ideias plausíveis em relação do como começar a pensar em seu planejamento de acordo com que o estudante com deficiência visual possa começar a desenrolar seu conteúdo de maneira em que tenha melhores condições de entendimento, no caminhar das ideias buscar mais criatividade a partir do mesmo, criando e dando mais autonomia ao estudante com deficiência visual vivencia e viver na prática com os colegas, com a aprendizagem mútua.

### **3.6. O Professor da pesquisa Sala de Recursos Multifuncional**

Hoje em dia, no Município de Macaé, são 77 professores de Atendimento Educacional Especializado tendo a função de complementar ou suplementar a formação do estudante, por meio da disponibilização de serviços, tempo e recursos acessíveis, com estratégias que eliminem os desafios para sua participação social quanto ao desenvolvimento da aprendizagem. Buscando obter laudo ou elaborar o parecer pedagógico caso seja preciso, não omitindo apoio ao estudante tendo condições de igualdade no processo ensino aprendizagem.

A educação de estudantes com deficiência acontece em todas as etapas de sua vida, fases e modalidades de ensino, tendo a parceria dos professores do AEE como parte integrante do processo educacional.

Segundo a coordenadora da Educação Especial, Regina Pinho, o público-alvo dos professores AEE são alunos com impedimento de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial; com transtornos globais do desenvolvimento; os que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações

sociais, na comunicação ou estereotípias motoras, incluindo os alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação e estudantes com altas habilidades/superlotação; e os que apresentam um potencial elevado e grande desenvolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, psicomotora, artes e criatividade.

A Secretaria Municipal de Educação Especial, em consonância com um mundo que aspira por novos relacionamentos baseados na prática democrática e inclusiva, traz à tona, no espaço escolar e movimentos pedagógicos e sociais, discussões que possam descortinar os valores conservadores de uma sociedade presa a antigos vícios e a procedimentos excludentes.

Assim, o surgimento de novas consciências e paradigmas que buscam nova ordem de convívio humano. Tendo em vista a diversidade como se apresenta na realidade brasileira e, refletida no contexto sócio-cultural-econômico na cidade de Macaé, a Secretaria Municipal de Educação Especial, considera que o reconhecimento do potencial biopsicossocial na vida escolar é o caminho para permanência de todos, independentemente de condições econômicas, étnicas, religiosas, de gênero ou capacidade individual, tanto na vida acadêmica quanto nos direitos na vida em sociedade.

O procedimento para matrícula é amplo e irrestrito considerando a Educação “direito de todos independente de classe econômica, social, cultural, condição pessoal, credo ou religião”. Entretanto, não basta a efetivação de matrícula, pois a permanência com aprendizagem dentro daquilo em que está inserido pelo ano escolar é de suma importância, não só para a integração social, mas também para o desenvolvimento cognitivo. Por essa razão, as metas a serem atingidas se referem a uma mudança curricular que se configurou numa nova postura profissional, na legitimidade das diversidades e no reconhecimento das diferenças como fator integrador. Visa-se a acessibilidade e a utilização de recursos pedagógicos alinhados aos avanços da tecnologia, com a necessidade de revisão nos planejamentos propostos.

O Município de Macaé, na esfera ampla que um Plano Municipal de Educação requer, tem o atendimento às especificidades de cada grupo de alunos com deficiência, em consonância com ações para atendimento à demanda, contemplando as necessidades de ordem mental, visual, auditiva, física, múltiplas deficiências e altas habilidades.

Assim o manual trará reflexões pertinentes, podendo reforçar o diálogo sobre como

transformar a escola em um espaço educador, pensando no aluno com deficiência no contexto da escola regular no município de Macaé, onde, será necessária a reconstrução do olhar das pessoas, o qual não pode menosprezar as informações contidas na escola e nem das pessoas, deve sim, considerar as experiências, de todos os alunos. Com respeito e estímulos adequados no decorrer de sua aprendizagem, com papel adequado para o desenvolvimento de qualidade em processo crescente. O manual pretende ajudar nesta construção.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nas visitas às escolas, observou-se as necessidades em relação ao que é realizado dentro das escolas, tendo ideias para que as condições de trabalho se realizem com mais prazer, com mais afinco a aprendizagem, considerando a participação, o entendimento do estudante com deficiência visual, a dificuldade de apoio ao professor, a situação do profissional especialista, das famílias em s e até a própria comunidade, tendo uma visão geral do ambiente. Passei por quatro escolas da rede municipal da cidade de Macaé, como sinalizado acima, obtendo informações de alguns fatos que incomodam e desestimulam o caminhar escolar, como a falta de condições para este processo. Entrevistei cinco alunos com deficiência visual, sendo um cego e quatro com baixa visão. Também cinco professores de língua portuguesa e quatro professores da sala de recursos. Fui bem recebida por todos, ouvi a todos e procurei atender suas angústias e necessidades no manual, aqui proposto. Quero dar início a colaboração para o começo do fazer diferente e não deixar perder tantos estudantes com deficiência visual para a evasão escolar. O professor da sala regular no espaço escolar pude além de observar vários aspectos de suas aulas, ouvir as queixas e desabafos, as dificuldades encontradas, até chegar às angústias do professor de sala de recursos para que a aprendizagem do aluno com deficiência visual pudesse ser completa em todos os níveis de ensino. Procurei ouvir e verificar os sinais de onde poderia contribuir para o professor de língua portuguesa, contribuindo para seu planejamento considerando o estudante com deficiência visual.

#### 4.1. O Estudante com Deficiência Visual

Com a construção no cotidiano da Escola Municipal de Macaé foram entrevistados cinco alunos com deficiência visual no ensino fundamental II, das escolas: Colégio Municipal Professora Ancyra Pimentel, Colégio Municipal Elza Ibraim, Colégio Municipal Dr. Cláudio Moacyr de Azevedo e Colégio Municipal Samuel Bruch. Realizei a pesquisa com um estudante cego e quatro estudantes com baixa visão. Os nomes foram alterados por letras a fim de não identificarmos os participantes, conforme já mencionamos. As perguntas para o aluno com deficiência visual : Fale um pouco de você? Qual sua relação com a escrita braile? Utiliza a comunicação assistiva? Qual é o melhor meio de comunicação para você se comunicar na sua realidade? Como você faz as leituras de textos em seu ambiente escolar? Você gosta de ler? Você usa o braile para ler ou recursos sonoros? Você ouve rádio, televisão. Conte um pouquinho sobre. Como é realizada a sua movimentação e mobilidade no espaço de sua escola, consegue se movimentar sem auxílio? Você vai sozinho para a escola? Se já, fez ou faz algum tipo de aula de Orientação e Mobilidade. O que as leis têm favorecido em sua vida e no ambiente escolar? Você nasceu ou como ficou deficiente visual? Qual seu sonho enquanto estudante? Até hoje qual a sua maior dificuldade na escola regular? Faz algum tipo de terapia? O que te faz sentir seguro no ambiente escolar? O que acha da sala multifuncional? Tem na sua escola? Como é sua família com você quanto a sua trajetória escolar? Você considera ter uma vida ativa? O que gostaria de falar para que possa melhorar a aprendizagem de outros que estão no ensino fundamental? Em relação as aulas de português o que facilitaria o interesse do deficiente visual no envolvimento da aprendizagem da matéria. Já se sentiu constrangido ou sofreu bullying em algum momento na escola? Quais as expectativas quando chegou na sua escola? De que maneira a inclusão do estudante acontece?

A seguir apresento as narrativas apresentadas pelos alunos, que serviram de base para a construção do Manual.

##### **Estudante J**

O estudante J tem doze anos de idade e estava no 6º ano do ensino Fundamental II. Tem

baixa visão, estrabismo, desequilíbrio nas funções dos músculos oculares, fazendo com que os olhos não fiquem paralelos. No estrabismo, um dos olhos olha em frente, o outro fica desviado, a pupila, encostando no canto do mesmo. O único recurso óptico utilizado são seus óculos, que é utilizado de vez em quando, motivo de desatenção, esquecimento, quebra, não acostumou a utilizá-lo direto. Porém sem o uso não consegue enxergar o quadro na sala de aula, enxerga embaçado, os olhos incham e começam a coçar, já fez uma cirurgia e fez um implante de uma lente em uma das vistas.

J gosta do ambiente escolar onde estuda, tem um amigo. Demonstrou-se meio quieto no decorrer da entrevista. No conceito familiar, relatou que tem ajuda em sua trajetória escolar, mora com a avó, a mesma pede para sua Tia ajudar J a fazer as atividades. Sempre quando pode a avó vai à escola saber como J está se comportando e saber da sua aprendizagem.

Em relação a escrita braille não é necessário utilizar, utiliza a escrita comum. Com o uso dos óculos, faz a leitura na escola, mas relatou que não gosta de ler, não usa nenhum outro tipo de recurso. Quando não tem nada para fazer assiste TV, em casa, precisa ficar bem rente à tela da televisão para que possa enxergar. Segundo J fica entediado com essa situação.

Mora próximo ao colégio e vem sozinho caminhando. Não faz aula de orientação e mobilidade, com a baixa visão e uso dos óculos consegue locomover-se bem no espaço escolar e na rua.

Quanto às leis, têm favorecido bastante o direito de estudar em escola regular, utilizar-se de preferência nos lugares, e participar da sala de recursos. “É um ambiente que gosto, além de alguns professores da sala que me ajudam no crescimento para minha vida, tornando sempre um ambiente prazeroso no ambiente escolar”.

Demonstrou autonomia, com exceção da leitura e interpretação, ainda com dificuldade. Tem vontade de ser advogado, para realizar os sonhos de sua mãe e dar um carro para ela. Já nasceu estrábico. Até hoje, a maior dificuldade passada na escola regular foi entender a letra do professor no quadro. Mistura as letras devido ao seu tamanho, com dificuldade para letras pequenas. Não faz nenhum tipo de terapia, vai ao oculista sempre pela rotina. O que o deixa seguro no ambiente escolar é a companhia da professora de apoio, “ela me ajuda a compreender o dever e a perceber os detalhes nas atividades”.

“Na sala de recursos tem jogos onde me divirto, tendo conhecimento”. No colégio onde

estuda em sala multifuncional, sendo um frequentador assíduo. Para melhorar sua aprendizagem acredito que poderia investir-se em projetos em língua portuguesa que ajudassem a assimilar o conteúdo de forma mais prática, dando oportunidade para conseguir acompanhar o cotidiano escolar e melhorar sua caminhada. Provavelmente, isto tornará suas aulas mais interessantes e lúdicas, procurando simplificar o enunciado da proposta das atividades.

Relatou ainda que está bem no colégio, mas anos passados teve muitos constrangimentos, como ser chamado por apelidos no qual ficava muito chateado, “me chamavam de baixinho, e não conseguia fazer amigos no ambiente, só tinha um, então sentia invisível no ambiente, até mesmo para as pessoas que estavam ali para me proteger de alguma forma”.

“Quando passei para o fundamental II, me achava muito importante, esperava mudanças e que sairia bem melhor, então me deparei ainda com mais dificuldades em conseguir administrar tantos conteúdos, e dar conta de aprender esses conhecimentos”.

Mesmo com todos esses percalços, vejo que a funcionalidade visual de J está bem satisfatória para interagir com os conteúdos do ano em que está inserido, às vezes de forma adaptadas, precisando em alguns momentos de auxílio. Apresenta dificuldades com palavras que não foram estudadas anteriormente, não utilizadas no seu meio. Segundo J tem vida ativa, sai de casa para ir à igreja e brincar perto de sua casa com seus vizinhos.

Cabe, portanto, os esforços, promovido por meio da ação mediada para a formação de um sistema funcional que resgate a aprendizagem de J, para que favoreça a apropriação do conhecimento e o desenvolva suas habilidades, dando-lhe autonomia. Durante sua vida acadêmica deve obter progresso satisfatório.

## **O estudante I**

I tem treze anos de idade e estava matriculado no sétimo ano do Ensino Fundamental II. No seu relato descreveu que foi um susto muito grande o que aconteceu com ele. Ficou quinze dias internado no hospital, onde ninguém sabia o porquê, nem os médicos. Sua mãe pensava

que era alergia a um medicamento que nunca havia tomado, no momento não conseguiu lembrar do nome do medicamento. Então desde aí não enxergava nada. Estava completamente cego.

Tinha muito medo de não voltar a enxergar. Mas tinha esperança que ia passear, e seu pesadelo sumiria. I hoje ficou com algumas sequelas na visão, enxerga com dificuldade, sendo baixa visão.

Não conhece a escrita braille, nunca ouviu falar sobre, nem nunca imaginou fazer algo do tipo. No momento ainda não utilizou a comunicação assistiva, sua comunicação é por meio da fala.

I não nasceu com a dificuldade de enxergar, mas passou por tudo, no qual uma pessoa que adquiriu a baixa visão ou até mesmo cegueira. Tudo indica que foi através do medicamento, um erro médico ele passa por essas dificuldades para enxergar. A dificuldade dentro da sala de aula hoje, é de ficar longe do quadro, “preciso sentar na frente porque senão, não consigo enxergar, além disso uso um colírio para ajudar a melhorar minha visão. Não frequentei a sala de recursos pois só voltei à escola quando já estava enxergando um pouco, mesmo com restrições para enxergar, não necessito da sala de recursos. Mais vejo as pessoas falarem bem do espaço da sala de recursos”.

Segundo o relato de I, se sente seguro quando chega e encontra um lugar para sentar-se à frente, tudo fica mais fácil e então ele fica calmo. São muitos alunos em sala de aula, além de muitos também querem sentar-se na frente, por vários motivos.

Relatou ainda que seus familiares o mandam estudar, mas segundo ele, “estudo só no colégio, quando o professor passa alguma atividade para casa, faço”. Nunca fez nenhum tipo de terapia. Tem uma vida ativa, mas quando ficou cego, “foi horrível só ficava em cima de uma cama em casa ou no hospital, quase sem vida alguma, sabia que estava vivo porque o coração batia”.

Facilitaria se, nas aulas de língua portuguesa fizessem mais aulas utilizando áudio, seria no mínimo uma maneira de possibilitar maior interesse a uma pessoa cega, ou com dificuldades para enxergar. Isto evitaria que o aluno ficasse feito fantasma no espaço, apático em relação às aulas dentro da escola, segundo o relato do próprio I.

“Meus colegas, depois de dois meses fora da escola, ficaram surpresos com a minha volta para sala de aula e ainda enxergando. Foi maravilhoso perceber o quanto era visto naquele espaço. Eu vejo a inclusão, da forma que é trabalhada na minha escola, vejo até um certo privilégio, devido as pessoas que ficam acompanhando os alunos com deficiência”.

Hoje, de acordo com o estudante, tenta levar uma vida normal, utilizando colírio e sentando na frente. “Tenho o olho meio caído e sou um pouco tímido, fico mais calado. Neste tempo que fiquei cego não perdi a fé e esperança, que um dia tudo iria melhorar, hoje agradeço o quanto era importante o fazer um bom uso da visão, cuidar e preservar e além de utilizar os meios de conhecimento em busca da minha autonomia. Valorizando o que eu tenho”.

## **O estudante R**

R tenho 16 anos e está no nono ano do Ensino Fundamental II. Ficou cego devido a Toxoplasmose, infecção causada por um protozoário chamado “Toxoplasma Gondii”, se encontra nas fezes de gatos e outros felinos, e pode se hospedar em seres vivos, podendo infectar quase todas as partes do organismo e gerar sérias infecções nos olhos, que se não forem tratadas adequadamente, podem levar à cegueira. Segundo a Biblioteca Virtual em Saúde MINISTÉRIO DA SAÚDE.

R não tem visão. Faz a escrita em braille utilizando a comunicação assistiva. Utiliza a máquina braille quando está em sala de aula. Sua realidade é que ele gosta do celular para se comunicar. Usa o dosvox no computador e aplicativos para facilitar a sua comunicação.

A leitura sempre é através do tato, passando o dedo, fazendo a leitura em braille. Mesmo assim não gosta de ler, tem dificuldades, assiste TV, não é muito chegado a rádio. O seu deslocamento na escola é difícil, não se movimenta sozinho, precisa de auxiliar para que possa ir de um lugar a outro. Para chegar à escola utiliza a Van escolar da prefeitura. Nunca fez aula de orientação e mobilidade, mas precisa. Provavelmente o uso da bengala ajudaria na sua mobilização. Também não conhece as leis. Está meio desanimado e no momento não tem muitas esperanças e expectativas.

Até hoje, a maior dificuldade na escola regular é a questão dos barulhos, “é muito barulho na escola, as salas muito cheias e às vezes me sinto perdido”. No momento faz equoterapia e natação, “onde me ajudam bastante quanto a minha ansiedade”. Na escola, “o que me faz sentir seguro é quando estou com o auxiliar pois é uma pessoa que confio, então não fico ansioso”.

Relatou que a sala de recursos é importante para ele, “gosto de estar lá e os profissionais

fazem parte da minha vida. Minha família me ajuda até mesmo para que possa ter uma vida ativa, todo dia, faço muitas coisas”.

Em relação às aulas de português relatou que a aprendizagem da matéria poderia melhorar “se fosse mais falada, facilitaria o entendimento, poderia participar mais das aulas”.

R também informou que tem muitos amigos no ambiente escolar apesar de ser um pouco tímido, “ao retornar à escola depois das férias fico doido para rever os amigos”.

Destaca-se ainda que o estudante disse: “Não acredito na inclusão do estudante cego, vejo que fica muito para depois, não sei explicar direito, mas não acontece, do sexto ao nono ano, só na sala de recursos”.

R não tem muita autonomia no contexto escolar, provavelmente com sua maturidade e aceitação se desenvolverá melhor, ainda não se identifica como cego, fica buscando a baixa visão, tentando perceber o reflexo de luz.

## **O estudante K**

K tem 15 anos, nasceu em Macaé, e está no oitavo ano do Ensino Fundamental II.

Sua mãe o levou para aprender braille, mas não gostou, “me sentia ruim, pois o braille é para cego, mas quando minha mãe percebeu, não me levou mais”.

Na escola é bem tímido com os estudantes que não conhece e com seu amigo R, da mesma sala, é bem extrovertido. “Esse meu comportamento vejo que não é bom, porque dificulta conhecer outras pessoas”. Comunica-se com os videntes. Também consegue escrever, sua letra é bem grande para que possa enxergar e às vezes nem cabe na linha do caderno, mas “eu dou um jeito”.

A leitura de textos no ambiente escolar tem que ser ampliada e em negrito, se não for assim não consegue ler. Às vezes gosta de ler sim, “mas tem leitura que me dá sono”. Na escola utiliza uma luminária vermelha. O tablet ajuda bastante, para estudar, sua mãe comprou para facilitar pois no tablet pode fazer bem ampliado e negrito. “Já utilizei no meu telefone para ouvir, mas não gosto não, com a letra ampliada é melhor para mim, às vezes tenho preguiça”.

Gosto de TV, mas não gosto muito de rádio. Sua mãe comprou uma TV de 50 polegadas,

“tem gráfico muito bonito para ver as imagens nítidas, tem a configuração de acessibilidade para baixa visão, para daltônico, para quem não escuta muito bem, tem várias modalidades, confia e utiliza bastante coisas”.

A orientação e mobilidade no espaço do ambiente escolar é tranquila, anda como qualquer um, corre, brinca, “sou independente, quero ser muito mais independente de qualquer coisa quando crescer”. Relatou que enxerga bem embaçado, “às vezes chega alguém perto de mim e eu não sei quem é, eu vejo o rosto da pessoa muito embaçado para reconhecer a voz tem que ser bem íntima”.

Para a escola vai de van da prefeitura. Sua mãe se preocupa por ele ver embaçado e tem medo que vá para a escola sozinho e não veja o carro ao atravessar a rua. “Na rua eu ando com minha mãe, tenho medo também”.

Nunca fez aula de Orientação e Mobilidade, mas se fizesse seria útil, mesmo sendo baixa visão, continuando sua resposta, um dia deitado, pensou: “hoje eu tenho problema de visão, mas se um dia eu ficar cego”. Então levantou e começou a reconhecer e decorar o espaço da sua casa.

As leis têm favorecido em sua vida, no ambiente escolar, para manter uma auxiliar que o ajuda bastante, frequentar a sala de recursos, ter suporte de alguns professores, “tem uns que tem me incomodado bastante por não trazer o material ampliado”. Afirma que nasceu com a doença na retina e é progressiva. Quando menor enxergava melhor hoje enxerga menos.

“Estou indo para o nono ano, espero que as leis continuem me beneficiando. Com o apoio e o material ampliado, o meu sonho é me formar e ter um bom emprego para viajar para as Maldivas”. Queria ser arquiteto, hoje pensa em ser empreendedor, gosta de ser vendedor, “vendi coisas na escola e não atrapalhou nas minhas notas e consigo um dinheirinho”.

Até hoje a maior dificuldade da escola regular é ser bem tímido e isso me incomoda, mas os poucos amigos que tenho, são meus amigos mesmo, vejo pelo sentimento quando estamos juntos.

Não faz nenhum tipo de terapia. A escola está em uma comunidade e infelizmente tem receio de estar na escola, medo de tiroteio, mas a escola tem segurança tem grade, e funcionários.

Acha legal a sala multifuncional da escola, “onde os alunos com alguns problemas, uns

mais que outros, têm joguinhos e gosto dos professores não só da sala, mas de todos do colégio”.

Sua mãe dá muito suporte, “eu a amo, ela é meu anjo da guarda, me ajuda nos deveres de casa, compra sempre materiais para que eu melhore, lápis para baixa visão, borracha grande para que eu possa resolver minha vida. Eu vivia perdendo a borracha caía e eu não conseguia encontrar. Minha mãe comprou uma borracha gigante que não perco mais e quando cai eu acho”.

Relatou ainda que considera ter uma vida ativa, gosta de viajar, andar, participar da educação física, fazer algumas atividades que são adaptadas, “alguns exercícios não são para mim, jogar bola, queimado, futebol e outros”.

Repetiu, no segundo ano, porque “a professora não me dava os exercícios aí eu repeti, eu fiquei quieto e aí fiquei atrasado. Depois consegui uma amiga que me ajudou bastante, ela lia para mim, falava o ambiente que estávamos, então consegui com a pouca visão que tenho para organizar meus pensamentos”.

K relatou que acha chata a aula de língua portuguesa, “acho que poderia ter mais leitura, por ser necessário para aprender as coisas, vejo que hoje usamos mais a língua informal”.

Já se sentiu constrangido, “me chamavam de quatro olhos e então ficava um pouco triste, envergonhado”.

Disse ainda que ao terminar todas as férias, ao voltar as aulas, têm expectativas de chegar à escola e encontrar uma escola boa e de ter auxílio para que consiga fazer as coisas, as atividades, “mas ainda, nesta altura do século, tem professores que não respeitam e não trazem o material ampliado, e sempre espero que no ano que vem possam melhorar isso. Mas vamos caminhando devagar”.

Às vezes, se senti incluído quando os professores fazem trabalhos coletivos, “neste momento pararam com os trabalhos em duplas então não há inclusão”, falta a interação, mas seus amigos o incluem com eles, “mas de uma forma geral não tem inclusão nesta realidade”.

Sua visão é bem reduzida, mas tem bastante autonomia e não deixa de tentar participar, “depois da minha reprovação aprendi que não se pode ficar quieto”. Demonstrou com bastante desenvoltura o estudante K.

## **O estudante E**

E tem onze anos de idade e estava no sexto ano do Ensino Fundamental II. Sua baixa visão é causada por Toxoplasmose. Ele, gosta de animais, de colorir, desenhar, escrever, de andar de avião, passear e passar o tempo com a família.

Já viu, a escrita braille, mas nunca escreveu, não sabe como se escreve e nunca procurou saber como se escreve e nem se ele precisa.

Não conhece o que é comunicação assistiva.

Quando a matéria é escrita no quadro, mesmo sentando em frente, tem dificuldade para enxergar, levanta toda hora e mesmo assim esquece as palavras, “consigo guardar só duas palavras por vez, vou e volto, direto demorando para fazer a cópia no caderno”. No livro também é difícil, “se a leitura é de perto embaça e se fico de longe não enxergo”.

Gosta de ler, mesmo com todas as dificuldades, “quando estou na escola fica difícil por ter o tempo estipulado, mas em casa tenho o tempo todo que preciso”. “No celular eu consigo ampliar e fazer a leitura”. Ver televisão e youtube no celular e música de vez em quando.

Tem boa orientação e mobilidade, anda em toda escola. Vai para escola com sua mãe.

Reconhece que “as leis são boas. Com elas fico mais calmo, com o direito de estudar, me resguardar, ter a minha privacidade”.

Sonha em ser escritor, biólogo marinho, ou até mesmo ser professor, “ainda estou decidindo”.

Relatou ainda que até hoje, a maior dificuldade na escola regular é o problema de visão, “não enxergar direito desde o quarto ano do ensino fundamental I. Nunca tive a curiosidade de pensar no que me faz sentir seguro, vou pensar nisso, não sei o que me faz sentir seguro nesta escola”.

Informou ainda que a sala multifuncional é boa, onde frequenta vários tipos de pessoas onde tem ajuda em múltiplas situações.

Sua mãe incentiva sempre a sua trajetória, a não desistir da escola e não seguir o seu exemplo, pois ela desistiu no sétimo ano do ensino fundamental II.

Tem uma vida ativa, porque sai bastante, gosta de passear, “vou à praia, viajo, vamos a restaurantes.

O interesse do aluno com deficiência visual no envolvimento da aprendizagem nas aulas de língua portuguesa seria falar a respeito da deficiência, de acordo com o estudante, “nunca se

fala, não se fala sobre o assunto de deficiência, gostaria de pedir que falassem mais sobre essas dificuldades onde muitos passam por esse tipo de problema. Pois eu mesmo passo e passei por isso as pessoas falando que estou mentindo, que era desculpas esse negócio de baixa visão, mas a realidade é que não consigo enxergar”.

O aluno tinha a expectativa de entrar numa escola boa e aprender coisas para a vida.

Segundo ele, “a inclusão do estudante acontece sim. Bom comigo mais ou menos. Por ter baixa visão vejo ainda bastante obstáculo”.

Mesmo com uma acuidade muito baixa, o estudante E demonstrou bom desempenho e autonomia no decorrer da entrevista. O professor precisa estar atento ao aluno que está em sua sala e perceber que hoje todos aprendem e não só o estudante. Tem uma troca de ensinamentos.

O currículo flexível e de acordo com a necessidade é muito importante para o aprendizado de ambos.

De acordo com Vianna e Rodrigues (2007) a deficiência visual limita ou impede o acesso direto a: a) orientação e mobilidade independente; b) orientação espacial; c) habilidade manuais; d) aquisição de conceitos; e e) aquisição da palavra escrita (impressão). Ao percorrermos as narrativas dos estudantes, observamos que tais fatores estão presentes, conforme demonstra o quadro a seguir.

Estudante	Orientação e Mobilidade Independente	Orientação espacial	Habilidades Manuais	Aquisição de conceito	Aquisição da palavra escrita
J	S	P	P	P	P
I	S	S	S	S	S
R	N	N	P	P	P
K	S	P	P	S	S
E	S	P	S	S	S

Quadro 3: A relação entre o aluno e a vivência escolar

S= Sim      P= Parcial      N= Não

O estudante J no decorrer da entrevista demonstrou mesmo com o seu estrabismo, ter boa coordenação na orientação e mobilidade independente, as vezes pela falta de atenção e concentração demonstrou dificuldade parcial na orientação espacial, não conseguindo se direcionar conforme o contexto informado, assim no desenvolver das habilidades manuais, se perdendo no meio do caminho. J é um menino educado e carente, sendo criado pela avó, passou por muitos constrangimentos, se tornando um pouco calado. Quando ao seu desenvolver na aquisição do conceito e da palavra escrita, estando incentivando e alertando o que seria para resolver, consegue realizar, mais se está sozinho não dá continuidade as atividades, se embaraçando no decorrer do processo da aprendizagem. É necessário sempre o incentivo para que J consiga o aprendizado necessário para sua vida, demonstrando um desenvolvimento parcial em seus compromissos com a suas atitudes de conhecimento por falta de interesse em estudar e só buscar enquanto escola a sua aprendizagem. J não construiu o habito de estudar em casa, fazer leituras para acrescentar o seu vocabulário devido ao seu meio de convivência, sempre propomos algo de incentivo utilizando seus sonhos para sua própria autonomia.

O estudante I em seu percurso passou bastante dificuldade e susto, medo de ficar cego. Mas quanto a sua vivencia hoje é bem reservado, poucos amigos e ficou com baixa visão, a orientação e mobilidade e tranquila consegue percorrer todos os espaços, além da orientação espacial, trabalhos manuais e conceitos da palavra escrita tudo ocorrendo de forma normal. Apreendeu que necessita estar a frente e valorizar e cuidar mais de sua visão.

O estudante R foi o representante cego desta pesquisa, ficou cego pela toxoplasmose, mesmo tendo de auxiliar ainda tem muitos problemas de segurança não acreditando no seu potencial. R tem muita dificuldade na orientação e mobilidade e na espacial, por não ter sido treinado anteriormente, não se sentindo confiante e seguro em adquirir além do profissional para dar o curso de orientação e mobilidade a ele. R se demonstra um pouco acomodado e desestimulado mais as atividades manuais realizam com dificuldades e as aquisições de conceitos e de palavras escritas realiza parcialmente devido à falta de entrosamento com o conteúdo exposto no qual a maioria das vezes fica sem entender pelo barulho e a sua escrita em braile que só é realizada na escola. Ainda muito dificultoso até mesmo sua escrita em braile. Não tendo grandes avanços em sua capacidade de desenvolvimento de sua aprendizagem e

autonomia. Por falta de conhecimento e busca do ambiente escolar e dificuldades que vem além do contexto direcionado a tal.

O estudante K, muito desenvolvido, comunicativo e inteligente com as pessoas mais próximas dele, tem vários sonhos, até mesmo ousado, quanto a orientação e mobilidade percorre todos os espaços, até mesmo os que demonstra perigo, se não ficar o observando. Tem um pouco de dificuldade em noção de espaço por não ter consolidado a aquisição de esquerda e direita, mesmo assim não desiste e busca tentar tudo que lhe é ofertado. As atividades manuais têm dificuldade devido a sua agitação. Tem excelente desenvolvimento na aquisição dos conceitos e leitura e escrita. Ele ainda se acha tímido com quem não conhece sua visão é bastante comprometida precisando de estar bem rente as coisas para ver, senão só tem o vulto. Procura sempre sua independência.

O estudante E, bem quieto, e tem dificuldade devido a toxoplasmose em ver as atividades no quadro, ficando um pouco desinteressado e apático por não está conseguindo. Tem uma rotina de aprendizagem cansativa pois levanta todo tempo para conseguir escrever e enxergar a atividade. Quanto a orientação e mobilidade consegue andar em todo o espaço. Perde a noção quando se trata de direita e esquerda. A noção espacial. A aquisição de conceitos tem boa desenvoltura, e leitura e escrita também gosta de ler mesmo com dificuldade. É preciso ampliar ou lente para conseguir fazer leitura. Conversando onde tem sua convivência com o aluno tem muitas questões, a respeito de sua deficiência querendo saber os porquês e querendo que as pessoas entendam a sua deficiência. Sempre quer reivindicar que os professores falem na turma sobre as deficiências.

Desta análise do trabalho em si, com a visita nas escolas, com as conversas nos campos pesquisados, foi obtida a informação sobre as dificuldades e o caminhar nas escolas estudadas, no âmbito regular do município de Macaé. Daí saíram as decisões para tomar relativamente a intervenção e realizar, ou amenizar, para chegar ao ensino desejável, ou próximo ao esperado do aluno com deficiência visual no âmbito da sala de aula em língua portuguesa, para isto propomos o Manual.

#### **4.2. O Professor da Sala Regular**

## **Professora D**

A professora informou que o preparo de um professor para ensinar um aluno com deficiência visual deve ser de conhecer ou buscar conhecer recursos que possibilitem o acesso do aluno. A formação em braille é um caminho, mas a utilização de aplicativos que auxiliem no processo é um passo importante que demonstra a motivação do professor em motivar o seu aluno.

Ao receber o estudante com deficiência visual ao entrar no ensino fundamental II para o professor de língua portuguesa, sempre é visto como desafio, principalmente porque, ao pensar a aula, “devemos planejar de modo adaptado à realidade do aluno, e, muitas das vezes, é mais um planejamento, diferente do regular, ou seja, mais trabalho, sim, porém, não deve ser diferente dos planos regulares, deve haver empenho em prepará-lo da forma mais eficaz”.

Ainda relatou que seria necessário, para melhorar as dificuldades dos estudantes com deficiência visual no ensino regular, às máquinas em braille, “raramente são acessíveis em escolas públicas de ensino regular. E quando há, tem-se poucos profissionais qualificados para o manejo. Além de mais informatização, haja visto o avanço tecnológico no que tange acessibilidade”.

Segundo a professora, a escola não está preparada para receber os estudantes com deficiência visuais, para ampliar seu desenvolvimento. “Como já dito, faltam recursos para preparar o professor, qualificar pessoal para o braille, além, principalmente, de reforçar a conscientização sobre o preconceito que ainda persiste no espaço escolar”.

Considera que o maior desafio ao receber um estudante com deficiência visual, seria não ter tido nenhum preparo antes, e ter que fazer de modo concomitante com a experiência. As faculdades não dão base para receber um estudante com deficiência visual. “Meu planejamento para o estudante com deficiência visual é em torno de mais áudios; tendo que descrever ao máximo tudo que abordo”.

Para ela, o PEI norteia o atendimento ao estudante. O estudante com deficiência visual é tão capaz quanto qualquer outro. Basta-lhes os recursos necessários. “Para que a inclusão aconteça procuro fazer a interação entre todos estudantes. Atuo há 5 anos. Conheço o projeto político pedagógico da escola. Tenho 27 estudantes em sala e uma aluna cega”.

Completou, informando que a avaliação do estudante com deficiência visual em suas aulas sempre é em braille ou com a oralidade.

Para ela, a sala de recursos é um departamento muito necessário e competente esse apoio no processo de aprendizagem do aluno. “Na minha escola acontece a inclusão. A maior dificuldade do estudante com deficiência visual é um processo de adaptação, mas nada é fácil. Os processos são, em alguma medida, mais ou menos complexos, depende do assunto, avaliação, do querer do aluno, etc.”

Por fim, considera que o professor deve conhecer ou buscar conhecer recursos que possibilitem o acesso dos estudantes com deficiência visual. “A formação em braille é um caminho, mas a utilização de aplicativos que auxiliem no processo é um passo importante que demonstra a motivação do professor em motivar o seu estudante”.

## **Professora CN**

A professora relatou que receber o estudante com deficiência visual no ensino fundamental II, assusta um pouco, geralmente quem é professor de área, professora de português, ciências e matemática, não está esperando essas diferenças. “Nós sempre esperamos que alguém se foque em alguma coisa. Veja que a gente não consegue receber bem de prontidão sempre tem um impacto sim”.

Para a professora, seria necessário, para melhorar as dificuldades do estudante com deficiência visual no ensino regular, minimizar as barreiras atitudinais, assim também em outros ambientes como os dos prédios. “Precisam de sinalização sim, em escolas e os professores têm de entender e conhecer os estudantes, eles estão passando, é você que tem que sair da frente dele”.

Para ela, a escola está preparada para receber os estudantes com deficiências visuais, para ampliar seu desenvolvimento, então, tem várias coisas que a escola precisaria se preparar sim. Tanto em barreiras atitudinais como as arquitetônicas.

O maior desafio ao receber um estudante com deficiência visual é sim, conhecer o aluno,

saber como ele aprende, qual a melhor maneira dele aprender, o que ele mais gosta, o que ele menos gosta e como ele vai participar da interação com a turma e com o conteúdo enquanto professora esse é um desafio grande. Neste momento de se conhecer o estudante porquê do ensino fundamental II o professor tem pouco tempo com a turma e aí precisa se dedicar um pouco mais no conhecimento desse aluno, afirmou a professora.

Então, para ela, a faculdade, apesar de ser obrigatório ter educação especial e agente fazendo a graduação, essa matéria não dá uma base excelente para levar toda uma aula de um período de escolarização.

Pensando que o estudo individual de cada professor, tem que acontecer, mesmo tendo a base, que a gente tem na faculdade e o planejamento com esse estudante com deficiência visual na sala realmente tem que ser diferenciado, ter aí uma parte que vise atender as necessidades dele, que são muito mais táteis, mais auditiva, para que ele possa entender a matéria.

O Plano individualizado é essencial, mas primeiro precisa conhecer o estudante, afirmou a professora. “Uma vez que ele necessita, com aquele meu conteúdo, com aquela matéria que eu vou aplicar e o que ele precisa saber sobre aquilo, como ele precisa aprender, como ele vai ter melhor aprendizado com isso. O que é mais importante para ele, porque é isso que direciona que agente realmente acerte para aquele aluno um conteúdo na realidade mesmo para garantir mesmo a aprendizagem para ele. Tem que ter mesmo o plano individualizado e verificando mesmo o que ele necessita para aquele ano para ele. Seria a flexibilização do currículo para ele”.

Para que a inclusão aconteça, “tento que pensar nas diferenças e não naquilo que deveria ser igual. Então para que eu entenda e para a inclusão acontecer eu preciso pensar nas diferenças e não naquilo que eu gostaria que fosse igual para todo mundo, então eu pensando nas diferenças de cada aluno eu penso que eu consigo fazer uma aula mais inclusiva”.

Com 22 anos na rede municipal de educação, a professora afirma que teve oportunidade de conhecer o projeto político pedagógico, não teve oportunidade de opinar, só em uma escola que teve oportunidade de estar opinando nesse projeto político pedagógico da escola. “Muitas escolas eu perguntei pelo projeto político pedagógico e toda vez me diziam que estavam em construção e não tinham acesso”. Em sua trajetória, contou que já teve sala de aula com quatro alunos deficientes, variados.

O modo mais prático para avaliar o estudante com deficiência visual é com a conversa, é

na interação oral, segundo ela. “Ele também pode se manifestar de outras maneiras, mas se ele tiver acesso a aplicativos da tecnologia assistiva dá para avaliar também. Eu penso que o mais prático é a avaliação oral”.

Para ela, a sala de recursos é um ótimo lugar para “a gente estar tendo aquela individualidade dentro do trabalho com o aluno. É essencial para o estudante com deficiência qualquer uma que seja, porque precisa daquele momento particular para poder perceber o que ele realmente está aprendendo no coletivo em sala de aula, para poder está orientando ele e tirando algumas dúvidas”. Ainda disse que a sala também serve para construir tecnologias assistiva e material para que o aluno possa estar usando em sala de aula. “Então eu penso que a sala de recursos é essencial para isso, o leitor, o que me preocupa muito nas salas de recursos é o preparo desse especialista que está lá, quem são esses especialistas, qual a formação? “

A professora é direta ao dizer que não encontra inclusão nas escolas.

A professora enfatiza que a maior dificuldade é justamente não ter material acessível para que ele possa estar manuseando e realizando atividades. “Ter um notebook é uma dificuldade, um tablet, para levar para casa, que ele possa usar na escola que ele possa estar interagindo com as aulas. Porque hoje eu não vejo que o estudante com deficiência visual vai ficar utilizando o braille o resto da vida, carregando um monte de páginas e aqueles livros imensos para tudo quanto é lugar para leitura”.

Por outro lado, a professora diz que “a maior facilidade é que eu penso que a deficiência visual atualmente, é comunicativa ela vai atrás, ela busca muito o que ela quer e aí, eu penso que essa interação ajuda bastante no ambiente escolar e muitas vezes se torna uma batalha, mais eu vejo que eles são bem interativos nesse sentido e a facilidade de comunicação com as pessoas”. Assim, para a professora, eles não têm problemas de comunicação, eles têm o problema do material em si para poder estar interagindo no local com o conteúdo, mas em relação à comunicação com as pessoas e o ambiente, “eles não têm tantas dificuldades assim”.

## **Professora A**

O estudante com deficiência visual é recebido ao entrar no ensino fundamental II, ao

longo dos anos, segundo a professor A observou que “as práticas inclusivas no dia a dia abrem um leque de possibilidades”.

Ela ainda informou que hoje temos cursos, grupos que atendem as necessidades, dos alunos e das famílias.

É necessário, para melhorar as relações dos alunos com deficiência visual no ensino regular, dizer que o estudante está inserido no contexto, o que ainda é uma mentira. “

Para a professora, infelizmente as escolas públicas não têm condições materiais nem físicas para acolher os alunos com deficiência. São desafios em encontrar pessoas capazes de acompanhar o crescimento dos alunos e auxiliá-los no dia a dia, o que “ está se tornando algo muito difícil”.

Para ela, as faculdades não dão base para receber um estudante com deficiência visual , “bem como fiz minha graduação em 1994, e pós-graduação com tudo que já fiz há alguns anos atrás. Naquela época não tinha nada no programa de formação e nem ninguém que se preocupasse com inclusão”. Na época de formação da professora, a inclusão ainda era um assunto sem muito caminho, ninguém comentava, ninguém falava sobre isso.

Relatou ainda que quando recebeu seu primeiro estudante com deficiência visual teve um planejamento bem intuitivo. “Procurei ler e perguntar sobre o caminho que eu tinha que trilhar e a sala de recursos foi meu alicerce, me dando suporte de como receber, tratar esse aluno, a não ser subsaliente, não ficar com pena, não ter que ter pena, eles são maravilhosos, inteligentes, eles são capazes de fazer as atividades. Nossa! Eles têm uma atenção desenvolvida para detalhes, isso me deixava impressionada”, relatava a professora.

No seu ponto de vista, o Plano Educacional Individualizado é inovador, o estudante com deficiência visual é como qualquer aluno, ele precisa de motivação, estímulos não só na escola, “mas da família para seguir adiante”.

Para que a inclusão aconteça é importante tratar o aluno como uma pessoa capaz de aprender e passar atividade que eles consigam realizar. “Leciono há 32 anos, claro que conheço e ajudei a fazer o projeto político pedagógico da escola várias vezes, nós tivemos reuniões. Então isso aí que a gente conhece”

Atualmente a professora tem em torno de 35 alunos dos nonos anos e aluno com deficiência em torno de cinco em cada turma com vários tipos de deficiência.

As avaliações na época eram feitas através de trabalhos práticos, “transcrevia as provas de língua portuguesa para a escrita em braille, também usava a resposta oral, na conversa. A gente ficava ouvindo as respostas. As avaliações ao meu ver tem que ser feitas em vários momentos, não precisa ser algo somente escrito. Eu acho que a sala precisa ser um espaço voltado para ele onde todos possam ter acesso”.

Para a professora, a sala multifuncional é um espaço voltado para eles, onde todos têm a inclusão como verdade. “Todo mundo que está na sala de recursos tem e gosta de trabalhar com os estudantes com deficiências sejam elas quais forem e também porque sentem que elas têm muito para aprender como também para ensinar, gente como eu, aprendi com os meus alunos e como eu aprendo com eles todos os dias”.

A professora disse que acontece inclusão dentro da escola, em alguns momentos, mas falta ainda material para atender todos.

A professora fala de uma política onde a família precisa fazer parte do processo do conhecimento com palestras para os pais “virem à escola passar o dia a dia com eles com os alunos, observarem como os alunos atuam”, esses momentos em que as famílias atuam junto com os estudantes, esses eventos tinham que acontecer muito ao longo do ano, disse a professora.

Ela ainda mencionou que é preciso tratar o estudante com qualquer deficiência de uma forma individualizada. “A escola tem que oferecer condições em que essas pessoas sejam atuantes. Os pais têm que ser atuantes e não meros observadores, deixar o aluno ali no espaço escolar e ir embora”. Para ela, é preciso que eles conheçam os professores e que eles conversem para que os alunos sintam que seus pais estão interessados no que eles estão fazendo. Nas exposições dos trabalhos deles que as pessoas da família possam estar presentes, isso ao meu ver é muito importante.

A maior dificuldade do estudante com deficiência visual para a professora é a aceitação no espaço escolar, “alunos ditos normais olhavam no início para eles como algo estranho, diferente, tinham preconceito de não querer sentar ao lado deles, não querendo fazer grupo com eles porque eles não sabem fazer. Hoje já está muito melhor os alunos já estão com a inclusão em uma nova visão da sociedade da mídia”. Então os estudantes já estão mais cientes de que eles são pessoas inteligentes, que eles são capazes de dentro das suas limitações fazer parte do

ambiente escolar de ajudar nos trabalhos. “Isso também vamos pensar no professor ele tem uma parcela muito grande de ajuda do professor dependendo do modo que ele caminha que ele encontra a turma e que ele faz a divulgação desse trabalho ele mudou totalmente a visão e a realidade”.

Para a professora, o professor é capaz de fazer, e de tornar essas turmas capazes de aceitar os alunos com deficiência, de torná-los mais presentes. “Espero sinceramente que cada ano seja um passo para que haja uma nova visão dessa realidade. Acho isso muito interessante, e que os estudantes com deficiência tenham mais facilidades em encontrar escolas preparadas para aceitá-los e que os pais não precisem ficar implorando e desejando e esperando vagas para seus filhos, a escola que não tem preparo para recebê-los precisa preparar-se”.

## **Professora I**

O estudante com deficiência visual é recebido, ao entrar no ensino fundamental II, como um grande desafio. É possível que aconteça rejeição dos demais alunos, e então, o professor deve ter um olhar mais atento, mais minucioso até que todos entendam as suas necessidades e compreendam que ele é um estudante que está ali como todos, para aprender.

Para diminuir as dificuldades do estudante com deficiência visual no ensino regular, o estudante com deficiência visual deverá ser tratado de forma especial, possibilitando a igualdade dentro de sala de aula. Nesse sentido, é importante notar que o professor deverá evitar as atividades que são puramente visuais.

As escolas não estão preparadas para receber os estudantes com deficiência visual. Entretanto, se for esperar que ela se prepare literalmente, esta inclusão demorará ainda mais para ocorrer. “Desta forma, é preciso que as escolas deem o primeiro passo para o progresso de inclusão, que é aceitar que ele se matricule. Depois disso, a escola poderá lutar para ter condições básicas para o atendimento dos mesmos, como é o caso de tradutores de braille”.

A professora ainda falou que o maior desafio ao receber um estudante com deficiência visual é fazer com que ele seja motivado e tenha suas habilidades estimuladas, que para isso, é

preciso “adaptar materiais didáticos, a infraestrutura e é preciso ter materiais específicos de leitura em braille para que ele possa aprender no mesmo ritmo de todos”.

As faculdades não dão base para receber um estudante com deficiência visual. “O professor precisa se especializar na área, mas o que vai direcionar o seu trabalho é reconhecer as necessidades de seu aluno para assim adaptar o seu planejamento às dificuldades dele. O planejamento deve incluir atividades que usem materiais em braille, como livros e apostilas, e ainda recursos em áudio em todos os materiais”.

De acordo com a professora, o Plano Educacional Individualizado é necessário. Cada aluno é único e aprende de maneira diferente, e “o PEI visa registrar esse caráter individual de cada estudante para que usando estratégias adequadas, ele possa aprender, assim como os outros estudantes, no ensino regular. Acredito, sim, no potencial do estudante com deficiência visual”

Para ela, é preciso ter um olhar especial para que a inclusão aconteça, que se “prepare atividades diferenciadas, mas dentro do contexto de forma que o aluno participe do processo do ensino aprendizagem”.

Foi enfática ao dizer que “leciono no Cláudio Moacyr há 20 anos. Tive a oportunidade de conhecer o projeto político pedagógico da escola. Hoje tenho quatro turmas com uma média de quarenta alunos em cada sala e cinco estudantes com deficiência, sendo um com deficiência visual de forma parcial (baixa visão). A avaliação é feita de forma adaptada levando em conta suas dificuldades, estando o professor disponível para ajuda-lo, se precisar”.

Para a professora, a sala de recursos é um espaço acolhedor, que assiste os estudantes e orienta os responsáveis e os professores, “Indispensáveis em qualquer escola”.

Afirmou que acontece inclusão na escola sim, “na nossa escola os estudantes com deficiência são bem acolhidos, assistidos e inseridos no processo ensino aprendizagem. A maior dificuldade é trabalhar sem os materiais adequados às suas dificuldades. E a maior facilidade é acolher! Nossa escola é acolhedora! ”

## **Professora G**

Para ensinar um estudante com deficiência Visual, em primeiro lugar, “será necessário diminuir o número de estudantes em sala porque uma sala com 40 alunos e mais os especiais torna-se impossível a realização de um trabalho adequado às necessidades especiais de tais estudantes”.

A professora não soube dizer como o estudante com deficiência visual é recebido ao entrar no ensino fundamental II, porque para ela ele deve ter o mesmo respeito dos demais estudantes.

Para melhorar as dificuldades do estudante com deficiência visual no ensino regular é preciso melhorar as condições de ensino para os estudantes, especiais ou não, “será necessário diminuir o número de estudantes em sala”.

A professora ainda disse que a escola não está preparada para receber os estudantes deficientes visuais. “Existe a sala de recursos com material para os estudantes com deficiência visual; porém, não acho que isto seja suficiente”.

O maior desafio ao receber um aluno com deficiência visual, é, de acordo com ela, “disponibilidade para atendê-lo em uma turma com 40 alunos, escassez de auxiliar para acompanhar o aluno, despreparo do auxiliar, desconhecimento do braille, falta de livro didático em braille, etc.”

Segundo a professora, “a teoria é diferente da prática. A pergunta correta é: As escolas estão preparadas para receber alunos com necessidades especiais? Claro que não”.

Foi enfática ao dizer que “acredito na capacidade do aluno deficiente visual. Porém, faz-se necessário que o ambiente escolar esteja preparado para recebê-lo”.

Ao ser perguntada o que faz para que a inclusão aconteça, respondeu: “milagre. Explico, passo vídeo e o conteúdo no quadro e depois me divido entre os alunos com necessidades especiais e os alunos indisciplinados. Enfim, me divido em olhar se estão copiando, entendendo, ditando oralmente para um que se desconcentra facilmente etc. Aulinha light, não?”

O problema é que sempre se espera que o professor faça o milagre na inclusão em turmas lotadas, sem auxiliar preparado, sem material, enfim sem um ambiente não adequado. “Leciono há 18 anos, conheço o projeto político pedagógico da escola sim. 40 alunos. A quantidade de alunos com necessidades especiais varia de turma para turma. Em uma turma tenho 6 e em outra tenho 3”.

Disse ainda que a avaliação do aluno com deficiência visual acontece de acordo com sua necessidade. A sala de recursos é bem equipada. Também tem disponível dois profissionais competentes.

A partir dos relatos apresentados pelas professoras, com base nas seguintes perguntas, construímos o quadro a seguir.

- 1- O professor está preparado para receber o aluno com deficiência visual no ensino regular.
- 2- As faculdades dão base para receber estudantes com deficiência visual?
- 3- Participou na elaboração do Plano Educacional Individualizado?
- 4- Quanto tempo leciona, há mais de 5 anos?
- 5- Muitos estudantes em sala regular?
- 6- Tem sala de recursos na sua escola?
- 7- Tem, na sua escola, mais de três estudantes cegos?

<b>Professor (a) Sala Regular</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
<b>D</b>	<b>N</b>	<b>P</b>	<b>N</b>	<b>P</b>	<b>N</b>	<b>S</b>	<b>N</b>
<b>CN</b>	<b>S</b>	<b>P</b>	<b>S</b>	<b>P</b>	<b>S</b>	<b>S</b>	<b>N</b>
<b>A</b>	<b>S</b>	<b>P</b>	<b>S</b>	<b>S</b>	<b>S</b>	<b>S</b>	<b>N</b>
<b>I</b>	<b>N</b>	<b>P</b>	<b>N</b>	<b>P</b>	<b>S</b>	<b>S</b>	<b>N</b>
<b>G</b>	<b>N</b>	<b>P</b>	<b>N</b>	<b>P</b>	<b>S</b>	<b>S</b>	<b>N</b>

Quadro 4: Professores de Língua Portuguesa e seus desabafos

S – Sim      P - Parcial      N – Não

A professora D, apesar de ser uma professora que se formou a pouco tempo, e busca muito se adequar ao mundo do trabalho, se diz com preparo insuficiente para receber o estudante com deficiência visual. Mesmo nos tempos atuais as universidades, ainda não dão condições

para que se realizem um trabalho inclusivo nas escolas. Nem nas escolas particulares e nem públicas. Salas superlotadas, não tendo oportunidade de dar atenção ao aluno que necessite. Tendo que se deslocar de um lugar para o outro com vários diários para se resolver e dar conta do conteúdo proposto de cada gestão. A inclusão ainda precisa caminhar muito.

A professora CN, também trabalha com a coordenação de educação inclusiva, se diz muito angustiada, pois vem aumentando a situação de precariedade no ensino para as pessoas com deficiência. Os adolescentes a cada dia mais agitados e sem orientação familiar, e muitos professores ainda querendo os estudantes de antigamente, não buscando estudos e práticas para a vivência com o outros. As Universidades passam os conteúdos e não oportunizam a vivência da realidade, e preciso passar e incentivar mais dentro dos ambientes escolares, pois a cada dia as deficiências vem se modificando e temos que verificar enquanto professora a melhor maneira de inserir e obter um ensino de qualidade para o estudante com deficiência visual. Que de fato a inclusão aconteça com todos os seus direitos garantidos.

Professora A trabalha a bastante tempo em uma escola com dificuldades, em relação a alagamentos, com várias comunidades ao seu entorno, e continuo acreditando que podemos sempre fazer algo por alguém que chegue até nós, na escola em que atuo sempre estou me deparando com estudantes com deficiência visual neste momento tem cego e baixa visão. Sendo que é de muitíssima importância a sala de recursos e o apoio do estudante com deficiência. Procurando sempre trazer recursos e dar o mínimo de atenção a eles (estudantes com deficiência visual) mas tenho dificuldades pela quantidade de estudantes nas salas. Sempre dou as minhas contribuições para colegas e direção, devido ao tempo que leciono nesta escola. E vejo que mesmo tendo formado a muitos anos as universidades não estão ajudando muito quanto a pratica nos ambientes escolares.

Professora I nunca trabalhou com estudantes cego, mas com baixa visão, também em sua escola muitos estudantes em sala que dificultam essa realidade de aprendizagem dos estudantes com deficiência, mas focou que mesmo sem ter os recursos e o preparo de universidades, por sua conta, através de seus custeios busca se aperfeiçoa para dar melhores suporte para os seus estudantes e enxerga - lós em sala de aula mesmo que não aconteça de maneira que ela gostaria.

A professora G, tenho uma vida corrida e leciona em várias escolas, tanto municipais e

particulares, tem formação em letras e leciona variadas matérias também, vejo segundo sua fala que a inclusão ainda muito devagar e sem as devidas condições para que os alunos com deficiência possam de fato aprender o esperado e cobrado, em relação aos conteúdos exigidos. Diz que tenta se esforçar e render o melhor possível. E que não participou de nenhum documento de elaboração para que pudesse contribuir para a melhoria do estudante nas aulas de língua portuguesa. Se sente meio descontente com a inclusão.

### **4.3. O Professor da Sala de Recursos Multifuncional**

#### **Professora I**

O estudante com deficiência visual, é um aluno que tem condições de aprender como todos os outros alunos. Apresenta dificuldades em algumas disciplinas como todos os estudantes, a questão é que o estudante com deficiência visual vai precisar de adaptação do seu material vai ter que mudar a forma de comunicação, “a entrada da comunicação como aluno enxergam-te ele tem a visão, vai ler o material e o estudante com deficiência visual ele vai ler a escrita em braille tátil, ou ele vai ouvir”. No fundamental II, que é onde o aluno está aprofundando nos conhecimentos de cálculos, leitura e escrita, “então o correto é que ele leia, para ter o contato com a grafia e no ensino médio e a faculdade o estudante pode estudar ouvindo”.

A professora continuou, “então eu vejo o estudante que tem potencial. Dificuldade tem nas adaptações do material didático, em conseguir o material para o estudante acessar o material didático, nada mais que isso, só a estratégia diferente é a única mudança”. Ela ainda exemplifica: “se tem uma fotografia no conteúdo vai ter que explicar essa fotografia ou se tem gráfico vai ter que fazer o gráfico tátil para que ele faça a leitura do gráfico”. O estudante com deficiência visual terá toda condição de fazer a leitura de gráficos. “Por exemplo, é dessa forma que eu vejo”.

Ela afirmou que quando o estudante chega na escola, o estudante com deficiência visual, que não tenha nenhuma outra deficiência associada, ele não tem auxiliar, não tendo nenhuma

deficiência mais grave ele não tem auxiliar. “Auxiliar só é para aluno que não tenha autonomia, não consiga cuidar de si mesmo”. Então o estudante com deficiência visual, quem apresenta o espaço para ele é o professor da sala de recursos, “quando se trabalha inclusão com os próprios colegas de sala ajudando o estudante com deficiência”. O professor da sala de recursos é que apresenta para ele o banheiro masculino, o banheiro feminino, mostra os setores da escola, “onde é a direção, onde é a secretária, onde tem telefone, a escola aqui tem orelhão, onde fica o orelhão obstáculos mais perigosos. Então quem apresenta é o professor da sala de recursos”.

Afirmou que o maior obstáculo hoje para o trabalho de qualquer professor é romper as barreiras atitudinais contra todas as deficiências. “As dificuldades estão nas barreiras atitudinais, essas são as dificuldades dos estudantes com deficiência visual”.

O processo de inclusão de estudantes com deficiência visual neste século, nesse momento tem o auxílio da tecnologia assistiva. As barreiras econômicas, segundo a professora, “dá para suportar quando se tem emprego e quando não tendo emprego se consegue os benefícios, a questão do emprego com acesso às tecnologias nas escolas, tecnologia assistiva em sala de recursos”. Para ela, o maior desafio neste momento é trabalhar a conscientização, a consciência inclusiva. E essa consciência inclusiva deve ser trabalhada já na escola “e a principal atribuição do professor da sala de recursos é desenvolvê-la na escola”. Uma consciência inclusiva porque, de acordo com ela, “esses amigos de hoje, que serão os gestores de amanhã”. Então, a inclusão começada na escola, não traria benefícios só para eles, beneficiaria toda a sociedade.

Para ela, a barreira atitudinal, seria a principal ação para melhorar as dificuldades do estudante com deficiência visual no ensino regular. “Em muitas escolas a gente enfrenta a barreira tecnológica, no caso da formação do professor, o professor saber, por exemplo, usar uma impressora braille. Como usar o braille não precisa saber braille, para preparar um material em braille, mas precisa saber a tecnologia. Assim ele vai conseguir preparar o material em braille para o seu aluno, mesmo sem saber o braille, mas se souber o braille melhor ainda. Então você vê muita gente vai aprendendo libras mais o braille, pouquíssimas pessoas tentam aprender o braille e o soroban, que é um instrumento de cálculo mecânico. Instrumento mecânico que se usa para calcular, o soroban. Então essa é a grande dificuldade para a inclusão do ensino regular, a mudança de atitude”.

A professora disse que a inclusão hoje é como uma caminhada, “ela já caminhou bastante e tem que continuar caminhando”. Ela tem que continuar caminhando, essa caminhada não pode parar. “Sempre, os desafios são atualizados e todas as vezes que você tem um desafio deve haver uma solução”.

Na escola, enfatizou a professora, “a gente trabalha além de atender os professores, a gente também trabalha com projetos de inclusão, projeto de desenvolvimento de formação inclusiva. Temos projeto na escola produzindo autonomia, como projeto REDI (Resinificando as Diferenças), a gente trabalha com esses projetos fazendo oficina a fim de desenvolver uma consciência de inclusão na escola”.

Para a professora, quem trabalha em sala de recursos sempre acredita no potencial dos estudantes com deficiência. “Então a gente trabalha, não só com estudante com deficiência, trabalha também com os professores e os pais dos estudantes para desenvolver essa consciência inclusiva, a gente tem que trabalhar com todos, não só com os estudantes e professores, mas também os pais dos alunos”. A inclusão também deve ser feita no ambiente familiar. A família é importante para o estudante que tem deficiência visual, “que a família também saiba o braille, então a gente sempre insiste nisso com a família, o aluno precisa ser incluído dentro da família”.

O Plano educacional individualizado, é realizado em conjunto, em parceria, “porque aqui é uma escola fundamental II, aqui são 10 disciplinas então cada professor, cada disciplina que o professor ali trabalha faz em conjunto o planejamento”. Tem professor que já se sente seguro para fazer sozinho, vários deles já fazem e alguns professores não fazem, “isso é muito ruim, é um desafio muito grande convencer um professor a fazer um Plano educacional especializado um Plano que atenda essa necessidade do aluno. Então eu percebo que na elaboração do Plano alguns tem uma consonância muito boa com a realidade, outros no plano nem sempre o plano atende a realidade do aluno e é um desafio para se desenvolver inserir essa consciência inclusiva”.

Ela ainda disse que a troca com o professor de sala de aula normalmente é muito boa, “a troca vem sendo muito boa, contudo nem sempre o professor trabalha atendendo a demanda do aluno”.

O estudante com deficiência visual tem toda autonomia para fazer com que substituam a figura pela descrição da figura. A adaptação do material, se por acaso tem uma figura, uma

imagem, daí ocorre a substituição. Então os professores entendem que os estudantes com deficiência visual têm todo potencial, mas eles se sentem inseguros, desprovidos de material, “comentam comigo que não se sentem preparados para atender a demanda pedagógica, a demanda didática do estudante, então aí a gente entra explicando que não é tão difícil assim, que ele consegue aprender e que ele precisa de uma adaptação no seu material didático do seu dia a dia. O professor se sente mais confortável e mais acolhido”.

Para a inclusão acontecer de fato, ela destacou, o que falta “é mais é mais qualificação para os professores do regular, tem que ter mais qualificação e um pouco de consciência inclusiva”.

Então a maior dificuldade que o aluno com deficiência visual tem é a adaptação de material e também em alguns casos a questão da mobilidade, muitas vezes o estudante chega à escola e ele não tem uma bengala, ele tem uma dificuldade de acesso. Ele tem que comprar a bengala. Ela concluiu: “É um material que não é acessível, não se encontra em qualquer lugar. Aí tem essa dificuldade. A maior facilidade é a comunicação. O estudante que consegue se comunicar vai conseguir apresentar suas dificuldades, aí as soluções virão”.

## **Professora S**

O estudante com deficiência visual tem possibilidade de aprender conforme o que lhe é oferecido, precisando dos suportes necessários. O estudante com deficiência visual vai ler a escrita em braille tátil ou ele vai ouvir no fundamental II que é onde o aluno está aprofundando nos conhecimentos de cálculos leitura e escrita, então o ideal seria que ele lesse para ter o contato com a grafia e no ensino médio e faculdade o aluno possa estudar com autonomia.

Na escola em que trabalho temos estudantes com baixa visão, eles têm um auxiliar na sala que ajuda a verificar as dificuldades do aluno.

Então, o estudante com deficiência visual, quem apresenta o espaço para ele é o professor da sala de recursos, quando necessário, mais os próprios colegas de sala ajudam o estudante a conhecer o espaço.

O professor da sala de recursos é que apresenta para ele o banheiro masculino, o

banheiro feminino, mostra os setores da escola, onde é a direção, onde é a secretária, onde tem telefone, a escola aqui tem orelhão onde fica o orelhão obstáculos mais perigosos.

Então o maior obstáculo hoje para o trabalho de qualquer professor é romper as barreiras atitudinais contra todas as deficiências, e assim as dificuldades do estudante com deficiência visual.

Para que a prática na escola com os estudantes com deficiência, possa melhorar, além de estimular com conversas, oportunizo atividades significativas para eles.

“Acredito sim, no potencial do meu aluno, senão eu não trabalharia. Utilizo muito com atividades pedagógicas e jogos. ”

Em relação ao plano educacional individualizado, o professor da sala de recursos com os professores do ensino regular.

A troca com o professor de sala de aula, boas, alguns são mais receptivos, outros não.

Tenho autonomia na escola para fazer as adequações necessária para o estudante deficiente visual. Os professores veem os estudantes com deficiência visuais, como estudantes que precisam de apoio e intervenção.

À inclusão já acontece, mais cabe espaço para melhorar.

Com o estudante que temos, podemos conseguir em alguns momentos visualizar a atividade no quadro e trabalhos mais elaborados e lúdicos.

## **Professor K**

O estudante com deficiência visual, é um aluno capaz de desenvolver suas potencialidades através do respeito, incentivo e planejamento adequado. O professor da sala de recursos e o ASE estão dentro do espaço escolar, “procuro adequar o aluno, dentro dos recursos disponibilizados para sua atuação na escola”. Ela afirmou, contudo, que o colégio não está adaptado e não possui os recursos necessários para atender esses estudantes da maneira que precisa. “Falta materiais adaptados, falta ambiente escolar adaptado que possam realmente respeitar esses estudantes como indivíduo que possa inseri-los de forma que eles possam ter uma igualdade de oportunidades dentro do ambiente escolar”.

Ela falou que o processo de inclusão de estudantes com deficiência visual neste século têm que ter um olhar mais minucioso, respeitar sua individualidade e oferecer as ferramentas necessárias que tenham a garantia de sua igualdade dentro de suas limitações. “O que seria necessário para diminuir as dificuldades do estudante com deficiência visual no ensino regular seriam, políticas públicas inclusivas que garantam sua inserção na sociedade com respeito e dignidade”.

Para ela, a inclusão hoje, é um simples cumprimento de incluir sem proporcionar ambientes e materiais necessários para que esse aluno tenha oportunidade de uma aprendizagem significativa e formativa, “temos professores despreparados e desmotivados”.

Afirmou que tem procurado dialogar mais com os professores, lutando para ver se consegue os recursos necessários para o atendimento pleno desses alunos.

Afirmou ainda que, com toda certeza, acredita no potencial dos alunos com deficiência, “às vezes a gente generaliza muito, meu estudante com deficiência visual tem uma limitação visual, e não cognitiva, nem física. O estudante é um sujeito com capacidade cognitiva com interesses, com possibilidades e que precisam ser exploradas. Para ela, o estudante tem limitação visual mas tem inúmeras possibilidades que são muito maiores que sua limitação.

Procura desenvolver o trabalho no ambiente escolar com o estudante com deficiência visual, utilizando os “escassos recursos”, orientando em sua mobilidade, auxiliando os professores nas adaptações dos conteúdos. Informou ainda que quem elabora o planejamento individualizado são os professores juntos com a orientação pedagógica e o professor da sala de recursos. “Percebo que no papel tudo fica maravilhoso, mas na prática infelizmente não se consegue aplicá-lo de forma adequada por meios efetivos para garantir uma aprendizagem de qualidade e que seja significativa”.

Relatou que a troca com o professor da sala de aula é um pouco difícil “porque existe uma barreira, os professores acham que eles não ganham para estar atendendo esse estudante, que eles têm uma sala superlotada, 40 alunos e ainda tem que dar conta desse estudante dentro das suas peculiaridades”. É uma conquista dia a dia, “dia a dia a gente vai conquistando esses professores para que a gente possa desenvolver um trabalho principalmente no ensino fundamental II”.

O estudante com deficiência visual, é capaz de desenvolver suas potencialidades através do respeito, incentivo e planejamento adequado. Quem adequar o espaço ou apresenta para o

estudante com deficiência visual o espaço escolar, o professor da sala de recursos e o ASE apresentam dentro do espaço escolar e “procuro adequá-lo dentro dos recursos disponibilizados para sua atuação na escola”. Afirmou ainda que o obstáculo existente no momento é que o colégio não está adaptado e não possui os recursos necessários para atender esses estudantes da maneira que precisam para se incluírem. “Falta materiais adaptados, falta ambiente escolar adaptado que possam realmente respeitar esse estudante como indivíduo, que possa inseri-lo de forma que ele possa ter uma igualdade de oportunidade dentro do ambiente escolar”.

### **Professora A**

A professora A disse ver o estudante com deficiência com sujeito com uma limitação física na forma de interação com o mundo e que muitas vezes é mal compreendido, pois essa limitação interfere em boa parte da capacidade de interação, mas com uma diferença, “pode ser sanada com outras formas outros meios que adequem sua interação com o mundo”.

O espaço escolar, na realidade da professora, hoje, quando se recebe um estudante com deficiência visual, é pensado pela equipe gestora junto com a orientação educacional para apresentar esse espaço e tentar fazer com que “este espaço facilite o entrosamento com a sua convivência na escola com os demais e a sua participação nas diversas atividades disponíveis na escola”. Relatou que são vistas salas disponíveis sem o uso de escadas, que o estudante não precise se deslocar tanto, para não se tornar um obstáculo, “estou falando do estudante com deficiência visual que algumas vezes essas coisas dificultam o ir e vir desse sujeito”.

O maior obstáculo proposto no momento, seria a desvalorização do AEE, a possibilidade de prestar um serviço de maior qualidade do trabalho, de tempo reduzido da quantidade de alunos, dar conta de fazer o atendimento individualizado, “o trabalho em grupo é legal, mas nem sempre”.

Para ela, o processo de inclusão do estudante com deficiência visual, é pensar na escola, é pensar no tanto de tecnologia que se tem e a tecnologia assistiva que pode favorecer o desenvolvimento e o aprendizado desse aluno não apenas pedagógico, mas humano e social.

“O processo de inclusão neste século é pensar como utilizar esses aspectos tecnológicos que favoreçam a vivência do aluno dentro do espaço escolar”.

Para diminuir as dificuldades dos alunos com deficiência visual no ensino regular, é necessário focar na sensibilização dos professores, no currículo, quando o professor busca querer saber de determinado aluno. “Tenho sentido muitas vezes que o aluno com deficiência visual é mal interpretado, não observando que o aluno tem uma capacidade cognitiva imensa. Quando o professor consegue entender que o aluno com deficiência visual só tem a forma de se expressar diferente, surge a possibilidade de fazer prova oral. O leitor auxiliar pensar na forma que o aluno se sente mais à vontade para perguntar o que ele prefere”.

Ela continuou, “como vê, a inclusão hoje é um grande avanço não só escolar, mas social. “A inclusão, em teoria, é muito interessante, mas na prática ela ainda é mal interpretada e mal praticada, infelizmente”.

Afirmou ainda que para melhorar a prática na escola com os estudantes com deficiência é preciso: “primeiro dialogar com os alunos, me aproximar, saber o que eles fazem, dialogar com os pais, fazer a entrevista com os pais. Manter este contato durante o ano todo. Depois, saber dos estudantes, suas expectativas, seus interesses, seu ponto de vista relacionado às suas limitações. É preciso ainda me preparar, estudando não só a deficiência que o estudante trás, mas outras experiências de outros colegas, repensar esses estudos com a troca de outros colegas”.

Por fim, afirmou que acredita no potencial do estudante com deficiência, com toda certeza, o trabalho no ambiente escolar com o estudante com deficiência visual, é dando suporte para o aluno, ajudando na ampliação do material e ajudando no suporte também com os professores juntos as suas necessidades, “ se ele não aceita o braille, se torna muito difícil”. Afirmou ainda que o estudante precisa estar dentro do contexto para se sentir inserido. “Meu aluno também faz o uso da lupa, meu trabalho é ser ponte com a auxiliar, família, professores direção e o estudante”

O planejamento é feito pelo professor da sala de recursos, mas estar em diálogo com o professor da sala regular, “que esse PEI seja, mais fidedigno possível, perceber que a troca entre a equipe pedagógica no fundamental I é mais fácil, que no fundamental II. Esse processo ocorre junto com a orientação educacional, para a construção da elaboração do PEI, considerando o avanço do estudante que vai de um ano para o outro”.

Para a professora, a troca com o professor de sala de aula, no primeiro segmento é mais fácil, no segundo é mais complicado, mas afirma que “a orientação e a gestão abraçam muito a inclusão na escola”.

Segundo a professora, “temos autonomia dentro da sala de recursos. Fora temos que pedir a orientação educacional que é muito parceira”.

Muitas vezes a deficiência visual é vista com extensão cognitiva, o estudante é deixado no canto da sala com atividades muito bobas. “O estudante tem capacidade de expor seu aprendizado e muitas das vezes não dão oportunidade a eles. Os professores ficam com receio de apresentarmos os estudantes para os professores regulares, acolher e incluir os estudantes”.

Finalizando a professora diz que é preciso pensar o que é inclusão, estudar mais discutir com todos os funcionários para acolher o aluno. “Inclusão não é falada e o estudante estar na escola não quer dizer que está incluído. É respeitar o espaço pensado conforme sua necessidade, limitações respeitadas, ser incentivados a crescer, incluir e incluir, todos somos diferentes”.

Os estudantes com deficiência visual, enfrentam muitas dificuldades “até mesmo na escola, os alunos gritam para serem vistos”.

Finalizando a professora disse: “o trabalho da sala de recursos é de muitas lutas e defesa dos estudantes com deficiência, para o respeito desses alunos, esses alunos não são só da sala de recursos, mas da escola. É preciso desenvolvimento, estarem juntos com os outros alunos”.

Da mesma forma que procedemos anteriormente, a partir dos dados apresentados pelas professoras, baseados nas perguntas seguintes, construímos o quadro abaixo.

- 1 - Você adequa o espaço ou apresenta para o estudante com deficiência visual o espaço escolar como está?
- 2- Tem obstáculo, no espaço, no momento, na sua escola?
- 3- Como você vê a inclusão hoje?
- 4- Você acredita no potencial do estudante com deficiência?
- 5- Como está sendo a troca com o professor de sala de aula?
- 6- Você tem autonomia na escola para fazer as adequações necessárias para o estudante com deficiência visual?
- 7- Tem estudante cego na sua escola?

Professor (a) da Sala de Recursos Multifuncional	1	2	3	4	5	6	7
I	S	S	P	S	P	P	S
S	S	S	P	S	P	P	N
K	S	S	P	S	P	P	N
A	N	S	P	S	P	P	N

Quadro 5: Acreditando que é possível

S – Sim      P - Parcial      N – Não

O professor I passa essa realidade na pele, a questão sobre a inclusão. Pois ele é um professor com baixa visão. E sempre relata coisas que ainda acontece com ele próprio. Fazendo a análise de como era a inclusão, tivemos mudanças significativas bem relevantes, há algum tempo atrás os alunos com deficiência eram tidos como incapazes, e passavam por muitos preconceitos. Ainda existe em alguns, casos mas antes era normal serem rejeitados. Em seminários na qual tem possibilidade de participar, não consegue ter acesso a nitidez de gravuras, conteúdos que muitas vezes caracteriza com importante para sua compreensão, não ter acesso, iluminação do local e outros. A discriminação no caso de materiais para o ambiente da sala de recursos, sendo sempre em último lugar do colégio, as salas não sendo acessíveis a todos. Mesmo assim continua sua caminhada não desistindo e buscando em passos miúdos mais seguindo em frente. Professores que ainda não acreditam na aprendizagem dos diferentes, ficando “camuflados”, mas tendo que devido a sua persistência realizar, de acordo com a lei. Ainda salas muito cheias e os professores com muitas salas e diversas demandas.

Preciso que a inclusão flui para que os que vierem depois possam encontrar melhores oportunidades de condições no processo aprendizagem nas escolas públicas.

A professora S tem pouco tempo em sala de recursos mais muita vontade de aprender. Passa por ela estudantes com baixa visão, que tenta além de oportunizar momentos lúdicos com seus alunos, fala com professores a respeito e o como o aluno com deficiência aprende e

necessita de recursos. Não é diferente nesta escola muitos professores comprometidos mais ainda aqueles que não fazem atividade de acordo com a necessidade do estudante. Vem tentando adquirir seu espaço de confiança com a equipe pedagógica da escola, para que flua a parceria de melhores resultados.

A professora K ainda tem a ilusão de ficar levando os estudantes sempre para a sala de recursos. Como se os estudantes fossem da sala de recursos e não da escola. Está no começo do caminhar e demonstrar a necessidade do aluno ficar em sala de aula e através dessas expectativas vem fazendo reuniões com professores para que tenha mais aceitação enquanto inclusão.

A professora A segundo seu relato “me descobri nesta área de educação inclusiva”. Na escola em que está lotada, também tem seus percalços, área de risco, mesmo assim a maioria tem compromisso com a educação e respeito pelos estudantes com baixa visão é o que se tem na escola hoje. Na sala de recursos peço material a equipe e construo as adaptações, quando possível compro material, que seja necessário para contribuir com o bom andamento do estudante com deficiência. Como nos outros ambientes escolares, tenho dificuldades, mas sempre chegamos ao consenso. Assim a inclusão vem acontecendo, com a troca nos ambientes de reuniões e formações continuadas.

## **5. O PRODUTO – MANUAL DE APOIO À INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM MACAÉ**

O produto, um manual de apoio à inclusão do estudante com deficiência visual. Esse produto nasce dessa pesquisa, das entrevistas, do diálogo que estabeleceu com os alunos, professores da sala de aula regular e professores da sala de recursos.

O manual propõe dentro do possível dos processos educativos de ensino de língua portuguesa e através da aprendizagem, verificado nas escolas estudadas, adentrando ao seu espaço ativa, o percurso realizado na escola pública foi efetivamente inclusivo, permitiu-me vivenciar através da mobilização dos colegas a pesquisa, possibilitando a contribuição através das entrevistas e suas respostas, argumentos para que possam facilitar o processo de ensino - aprendizagem de pessoas com deficiência visual tendo acessibilidade ao material adequado para cada situação apresentada na sala para os estudantes que necessitem deste amparo.

A inclusão só será construída e levada a sério se tiver a participação de todos e para todos, e todos os envolvidos com o processo educativos são de fundamentais importância no processo de aprendizagem dentro e fora do espaço escolar.

Através dos desafios, dos estudiosos, além da determinação e competência dos professores e alunos, nos caberá buscar passar a esperança de melhoria, nas de língua portuguesa no qual é o intuito oferecido. Abrindo um leque de possibilidade de criatividade em relação a aprendizagem.

Este guia de apoio nasce com a perspectiva de quatro escolas da rede municipal de Macaé com o desígnio do caminho que juntos percorremos em prol dos nossos alunos com deficiência visual, do ensino fundamental, para que possam dispor de uma aprendizagem com mais entendimento nos espaços escolares, incentivando o buscar e criar sempre condições de ampliar a criatividade adequada e oportuna de cada realidade. Trazendo o estudante com deficiência para o seu lugar de aprender com dignidade nos espaços de escolas regulares.

### **5.1. Passo-a-Passo da Construção do Produto**

Não foi fácil chegar na tomada de decisão para criar coragem e enfrentar um mestrado em uma instituição tão renomada quanto o Benjamin Constant, mas é muito bom falar, para que muitos (como os estudantes com deficiência visual) venham enfrentar seus desafios e busquem seus sonhos. Foi através do trabalho e vivência do dia a dia que surgiu a vontade e busca de melhorar a situação dos obstáculos no ensino fundamental II, para os estudantes com deficiência visual, a muitos e muitos anos a dificuldade de concluir o ensino fundamental e seguir em frente mesmo com o cognitivo preservado, para o aluno com deficiência visual desde o locomoção a aceitação e descaso partindo do próprio ambiente, a insegurança da família. Assim foram os primeiros percursos diante desse episódio a coragem. Então começa as dificuldades começando por mim, estar parada com os estudos a mais de 15 anos, no trabalhar (emprego) e estudar e outros.

Através do manual e a troca entre professor e estudante, o trabalho, a autoestima do estudante com deficiência visual, dará suporte, condições de participação no ambiente escolar, conseguir se locomover na escola, buscar parcerias e recursos mobiliários adaptados caso necessite dentro da sala de aula regular. Através do conhecimento, encontrando suporte para exercer o compromisso de melhorar a qualidade de vida, pautado no conhecimento de seus direitos e buscar mediante a lei, propiciar condições para que os estudantes com deficiência visual utilizem mecanismos de informações que contribuam para o seu desenvolvimento biopsicossocial.

O guia de atendimento educacional para estudantes com deficiência visual no ensino fundamental II em Língua Portuguesa, está sendo dedicado a todos os amigos e professores que lutam em prol da causa da educação inclusiva e de qualidade dos estudantes com deficiência visual no ensino fundamental II. Para que ao longo do processo educacional possam melhorar a sua passagem no percurso do fundamental II com mais confiança e condições mais igualitárias no desenvolver de sua aprendizagem sem que se sintam fora ou até mesmo desistirem do ambiente de aprendizagem. O manual foi dividido em seis partes como:

- Estudante com Deficiência Visual;
- Sensibilização;
- A Orientação e Mobilidade independente;
- Orientação Espacial;

- Habilidade Manuais;
- Aquisição de conceito;
- Aquisição da palavra escrita.

O estudante com deficiência visual: considerado em um largo espectro, englobando desde os alunos que enxergam um pouco, até os que têm apenas a percepção de vultos, chegando a cegueira total. No campo educacional, precisamos observar o desenvolvimento escolar destes sujeitos, passando por diversos aspectos relacionados às suas experiências enquanto pessoas com deficiência. Muitas, vezes, contudo, são considerados incapazes de aprender, sem que lhes sejam fornecidas as ferramentas necessárias. Em muitos casos nem mesmo têm a oportunidade de demonstrar suas capacidades e potencialidades, sendo até considerados com outras deficiências. São, por exemplo, vistos como surdos, pois percebemos, em nossa prática, pessoas gritando quando vão comunicar-se com pessoas que são cegas ou têm baixa visão. Aqueles que têm baixa visão são taxados como mentirosos e preguiçosos, carregando este rótulo pejorativo por toda sua existência, por uma provável falta de conhecimento sobre o tema. Por hora, vamos dizer que a baixa visão está compreendida entre a cegueira e os padrões normais de visão, o que para muitos, parece ser inimaginável. Outra prática comum é limitar os conteúdos pedagógicos, nivelando por baixo e não permitindo o crescimento e o desenvolvimento do estudante com deficiência visual. Até hoje, muitas atitudes em relação às pessoas com deficiência visual estão presas ao tratamento assistencialista que as próprias famílias dão e recebem, fazendo com que pessoas cegas ou com baixa visão sejam consideradas doentes e coitadas, não acreditando nas suas habilidades e potencialidades. Muitas poucas famílias têm consciência que as pessoas com deficiência visual possam ter uma vida utilizando sua autonomia. Essa luta ainda é muito constante! As famílias aprendem com a convivência, com a prática e com os desafios de cada dia. A cegueira ou a baixa visão pode ser congênita ou adquirida no decorrer da vida. Esta última pode ocorrer por doenças, acidentes, ou ainda ser o resultado do tempo, ou seja, da idade. Importa que todos que apresentem deficiência da visão, congênita ou adquirida, necessitam de suportes específicos, como bengala longa, cão-guia e material em braile (quando cego), material com fontes ampliadas (quando com baixa visão) e

adaptado, para sua independência e autonomia. Quando são proporcionados os meios, condições adequadas para as pessoas com deficiência visual, elas conseguem estudar, locomover-se, trabalhar enfim, desenvolver-se diante de todas as barreiras encontradas, com dignidade.

Neste sentido, pensando em propiciar um ambiente escolar que seja acolhedor, que considere as necessidades das pessoas com deficiência da visão, que viabilize seu processo de inclusão e que promova a transformação do ambiente escolar, propomos, neste pequeno texto, sugestões de atividades para viabilizar a inclusão de estudantes cegos e com baixa visão a partir dos conteúdos de língua portuguesa no Ensino Fundamental II. As atividades aqui enumeradas servem de ponto de partida, considerando as especificidades da deficiência visual, para que o professor compreenda melhor seu estudante e possa propor, desenvolver e criar novas atividades, transformando sua prática e contribuindo para a transformação do ambiente escolar.

**Sensibilização:** É fundamental que a comunidade escolar possa compreender que é a partir do cotidiano, das experiências e vivências que nós formamos e formamos também quem está ao nosso redor. A escola, neste ponto de vista, passa a ser o grande local de formação, de desenvolvimento, de experiências e de vivências, que se modifica com o tempo, acompanhando a sociedade. Estas vivências são muito importantes para todos, principalmente para os estudantes com deficiência, que têm no ambiente escolar um verdadeiro laboratório de experiências e de inclusão, o que pode e deve fortalece-lo para seu futuro papel no mundo do trabalho.

**A Orientação e Mobilidade e os diferentes espaços:** A orientação e mobilidade parte da coordenação motora, do desenvolvimento cognitivo, afetivo e biopsicossocial, por meio de técnicas apropriadas para que a pessoa com deficiência visual possa relacionar-se e deslocar-se independentemente nos mais diferentes ambientes. A capacidade de se movimentar com autonomia e segurança no ambiente escolar é de grande importância para o relacionamento com os colegas. Esta é uma etapa muito sensível no processo de inclusão de um estudante com deficiência visual, pois o que buscamos não é apenas a matrícula escolar, mas a efetiva inclusão social, nos diferentes grupos existentes na comunidade escolar. Caso o estudante ainda não tenha tido acesso aos treinamentos em orientação e mobilidade, a escola deve ofertá-los, por

meio do atendimento educacional especializado, o mais rápido possível. Neles, devem ser apresentadas as diferentes técnicas de locomoção, para que tenha segurança ao estar e locomover-se no ambiente.

Na organização do planejamento de atendimento em orientação e mobilidade, alguns conteúdos precisam ser contemplados, respeitando a individualidade do estudante. É importante trabalhar para:

- Desenvolver e utilizar os sentidos para obter informações do ambiente e usar o resíduo da visão, se for o caso, para se alimentar;
- Trabalhar o sentido de orientação para saber onde está, para onde quer ir e como chegar ao lugar desejado;
- Ampliar o conhecimento sobre as técnicas de orientações e mobilidade com auxílio e a mobilidade independente no ambiente escolar;
- Orientar a família para dar continuidade ao apoio fora do espaço escolar;
- Promover a autonomia e independência nos aspectos da locomoção, comunicação e relacionamento social. Com isso é preciso entender a importância da orientação e mobilidade para os estudantes com deficiência visual e a relevância desta compreensão pela comunidade escolar.

**Orientação Espacial:** A informação sensorial, na orientação espacial, acontece por meio da cognição, na construção de mapas espaciais, no conhecimento prévio do local a ser percorrido. Isto pode ocorrer com a ajuda de um guia, dando pistas para que o aluno memorize a informação e não se perca. A memória pode ativar o tato, a audição, diversas informações cognitivas corporais que identificam e até garantem segurança para a pessoa. Estas atividades devem ser de acordo com o aprendizado do sujeito, de forma em que se sinta seguro para percorrer sozinho. A orientação no espaço é de suma importância para o estudante com deficiência visual, gerando segurança, independência, autonomia e autoestima, favorecendo sua inclusão. Ele pode melhorar a sua performance de vida de acordo com o seu desenvolvimento, superando seus desafios.

A aprendizagem da pessoa com deficiência visual deve sempre partir do concreto, prezar pela experimentação, vivência, relação social e procurar desenvolver os sentidos remanescentes

transformando-os em fontes de aprendizado, que captam as informações, do ambiente, de um objeto ou mesmo aquelas transmitidas por alguém.

Habilidade Manuais: Mobilidade da coordenação motora e o raciocínio lógico. Melhora a escrita e a construção de texto.

Aquisição de conceitos: Os direitos humanos partem do ponto de que somos todos iguais e temos direito de ir e vir nos espaços da sociedade. Na escola, o que influencia no cenário educacional, ainda mais em língua portuguesa, é manter as condições para que o aluno com deficiência visual possa aprender de acordo com a sua necessidade, para que venha ter seus direitos de igualdade para aprender a aprender sempre acreditando, dando-lhe cada vez mais autonomia. É fundamental a participação conjunta ativa dos pais com a escola sobre a temática inclusiva.

Aquisição da palavra escrita: Os sistemas educacionais necessitam de ações que incentivem o desempenho de estudantes com deficiência visual na leitura e escrita. Estas são, sem dúvida nenhuma, questões cruciais para que sejam incluídos e tenham seus direitos assegurados, tendo a oportunidade de desempenharem suas funções sociais com autonomia, respeito e dignidade.

Dessa forma, adquirir conhecimento para lutar pelos seus ideais e enfrentar os desafios sem desistir, se tornando com o aprendizado, mas forte quanto as angústias e desafios. Assim a gestão democrática da educação dentro das propostas de reformas educacionais dando voz ao aluno com deficiência visual. Através da autonomia do estudante com deficiência visual adquirido no âmbito do espaço escolar, com intuito de buscar cada vez mais possibilidades de melhoria para os que adentram o espaço tendo os mesmos direitos no ensino aprendizagem, educação de qualidade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido a partir da vivência enquanto rede pública da cidade de Macaé, convivência e experiência pessoal e profissional, de professores da sala regular, professores da sala de recursos e estudantes com baixa visão e cego. Procuramos explicitar ideias, conceitos, sugestões e princípios norteadores para uma ação em que o aluno com deficiência visual seja respeitado e tenha credibilidade em seu desenvolvimento, tendo autonomia entre o espaço escolar, com ajuda de todos, valorizar as diferentes formas de aprendizagem e os professores que ensinam.

Partimos do princípio de quando há interesse e desejo de ensinar e de aprender, a postura de observação, e investigação constantes no dia a dia, ultrapassa a aceitação das diferenças, que é de suma importância repercutindo de forma positiva na elaboração do conhecimento e sobre saindo na mídia, não deixando os estudantes esquecidos ou sem continuidade de sua formação acadêmica, até mesmo indo fazer busca ativa para saber onde estão estes estudantes com deficiência visual.

Os estudantes cegos e com baixa visão têm as mesmas potencialidades quanto ao seu aprendizado. O que muda são as estratégias o jeito de fazer, os meios de acesso ao conhecimento e à informação, o profissional que está adequado e como esta adequando às condições visuais destes estudantes de forma individual. Desta forma o manual vem com contribuições de reflexões para a concretização de uma escola para todos na perspectiva de inclusão mais justa para com os estudantes com deficiência visual.

Saber ouvir com atenção para sinalizar feedback ao aluno quando necessário, mostrando que está presente aos seus interesses e dificuldades.

Elogiando o seu comportamento pela sua atitude, na sua participação diante do desenvolver dos conteúdos, estimulando-o sempre que apropriado, para que se sinta confiante na aprendizagem.

De acordo com as estratégias de conhecimento e as necessidades da flexibilização dos conteúdos para cada aluno na disciplina de língua portuguesa, com o desenvolvimento do estudante com deficiência visual através das estratégias pedagógicas para conhecer e compreender o processo de aprendizagem do aluno que são do contexto do ensino

fundamental. O manual traz modelo de atividade como ideia para o avançar da criatividade do professor de língua portuguesa, um caminho de acesso bem prático e compreensível para estimular o desenvolver educacional do estudante com deficiência visual. Atividades que possam ser compatíveis com o material existente tendo condições de igualdade de todos.

## 7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA:

ARELARO, L.R. G. Direitos Sociais e Política Educacional: alguns ainda são mais iguais que outros. In: VIZIM, M.; SILVA, S. (Org.). Políticas Públicas: Educação, Tecnologias e Pessoas com Deficiência. Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil, 2003.

ALVES, Nilda. Praticante pensante de Cotidianos. Belo Horizonte, MG: Grupo Autêntica, 2015.

ALVES, Nilda; Garcia, Regina Leite. O Sentido da Escola. Petrópolis: DP e Alii, 2008.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Lei nº13.146, de 6 de julho de 2015.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, 6 de julho de 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm).

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 16 abr. 2021.

BRUNO, M. M. Garcia. O Significado da Deficiência Visual na Vida Cotidiana: análise das representações dos pais-alunos-professores. 1999. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande MS, Faculdade Católica Dom Bosco, 1999,

BNRJ – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Solar dos Mello da Cidade de Macaé – Fundação Macaé de Cultura. <https://macae.rj.gov.br>> história

CARDOSO, FERNANDO HENRIQUE – Luciano Oliva Patrício Brasília, 19 de agosto de 1997; 176o da Independência e 109o da República.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Especial. PROGRAMA NACIONAL DE APOIO EDUCAÇÃO DE DEFICIENTE VISUAL. Brasília, 2004.

CERTEAU, M. de. A Invenção do Cotidiano 1: arte de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1994.

Deficiência Visual Marta Gil (Org. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA CADERNOS DA N.1/2000

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/deficienciavisual.pdf>

<https://www.portalviu.com.br/cidades/macaee-rj-acolhe-alunos-especiais-e-amplia->

unidades-com-educacao-inclusiva

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. DOS. Deficiência, direitos humanos e justiça. Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 6, n. 11, p. 64–77, dez.2009.

DA VISÃO CEGA: HISTÓRIA, FICÇÃO E EPISTEMOLOGIA. RevistAleph, (22). <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i22.39088>

Dorneles, C. M., & Pavan, R. (2014). A concepção de in/exclusão da pessoa com deficiência visual na perspectiva histórica. *Série-Estudos - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB*, (38), p. 151–168. Recuperado de <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/801>

FA Rangel-IBC - 2017 - [anais.anped.org.br](http://anais.anped.org.br) Das expectativas e de sua realização quanto ao processo de transição da instituição especializada para a escola comum por alunos com deficiência visual

FIGUEIREDO, J. R. M. O Presente pelo passado: variação verbal em narrativas de deficientes visuais. 2012. 165f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GARCIA, M. C. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. Santa Catarina, v. 18, n. 52, 2013.

GOLDENBERG, Mirian, A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 16 eds. Rio de Janeiro: Record.2020.

GOMES, Adriana Leite Limaverde; POULIN, Jean-Robert; FIGUEIREDO, Rita Vieira de. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. O atendimento educacional especializado para alunos com deficiência intelectual. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010. 31p.

[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee\\_dv.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dv.pdf)

Inclusão e acessibilidade na escola: conhecendo a deficiência visual nas aulas de Língua Portuguesa Paula Roberta Paschoal Boulitreaul, II José Batista de Barros III, IV Adriana Letícia Torres da Rosa V, VI Bárbara Cristina Oliveira MacedoVII, VIII

<https://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102i261.4552>

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. 'Rala "BRAILLE PARA A LINGUA PORTUGUESA. Brasília, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis. Rio de Janeiro: vozes, 2010.

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/deficienciavisual.pdf>

<http://inep80anos.inep.gov.br/inep80anos/passado/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova-1932/143>

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18140/tde-10122007->

<https://www.redalyc.org/pdf/3051/305126191001.pdf>

<https://www.scielo.br/j/abo/a/5WtXWNMX9mGMNBm46yH5TNh/?lang=pt&format=pdf>  
094825/publico/mestrado3FINALparte2.pdf

[file:///C:/Users/PC/Downloads/6110-Texto%20do%20artigo-17804-1-10-20161024%20\(6\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/6110-Texto%20do%20artigo-17804-1-10-20161024%20(6).pdf)

SANTOS, A. S. A. et al. A importância da tecnologia na educação de deficientes visuais: (DOSVOX e MEC Daisy). Revista Maiêutica, Indaial, v. 5, n. 01, p. 61-68, 81 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228915792.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre. v.22. n 37, p.7-32, 1999.

LIMA, Reinaldo J. de. Mapa de areal: cartografia com crianças. Disponível em: <http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/RE29.pdf>. Acessado em 12.08.2019

MASINI, Elcie F. Salzano (Org). A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores. 1ª edição. São Paulo: Vetor, 2007.

NOZU, Washington Cesar Shoiti. Política e Gestão do Atendimento Educacional Especializado Nas Salas de Recursos Multifuncionais de Paraíba/MS: Uma análise das práticas discursivas e não discursivas. 2013. 241f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2013.

Proposta Pedagógica para Referenciais Curriculares da Rede

<https://macae.rj.gov.br> › conteudo › arquivos.

Plano de Criação das Escolas Municipais de Macaé. Supervisão de Ensino. Secretaria Municipal de Educação de Macaé. s/d. 4. 4. 7 ...45 páginas, 29 de mar. de 2012 —

PONTINHOS REVISTA INFANTO-JUVENIL PARA CEGOS. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Instituto Benjamin Constant, jul./dez. 2006, p. 29.

SENAI. DN. #CURSO DE ESCRITA EM "BRAILLE PARA OS DOCENTES DO 3%.; manual do participante. 2. ed. Brasília, 2002. (Gente especial fazendo um SENAI especial).

TEMPORINI, E. R.; KARA-JOSÉ, N. Visual loss - Prevention strategies. Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, v. 67, n. 4, p. 597–601, 2004. de Fatima Peixoto de Alvarenga, G., Botelho Andrade, L. A., & Pereira Silva, E. (2014).

TENBROEK, JACOBUS. The right to live in the world: the disabled in the law of the torts. 54 California Law Review, v. 841, p. 918, 1966.

VYGOTSKY, L.S. A construção do pensamento e da linguagem. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Psicologia USP, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 681-701, 2010.

<https://www.visaonainfancia.com/aluno-com-baixa-visao-adaptacoes>

<https://macae.rj.gov.br/semec>

Warschauer, Cecília A roda e o registro

[BR&lr=&id=ITpvEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=realidade+escolar+hoje+2022&ots=\\_4OYHPeILF&sig=wz8bC\\_g06G2ejcwLd2ILWQ\\_3YBY#v=onepage&q=realidade%20escolar%20hoje%202022&f=false](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36313/000817444.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36313/000817444.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

<https://odia.ig.com.br/macae/2022/01/6309187-rede-municipal-aulas-retornam-dia-7-de-fevereiro-em-macae.html>

<https://core.ac.uk/reader/275933080>

Deficiência visual - MEC - Ministério da Educação

[mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br) <http://portal.mec.gov.br> > tags > tag > deficiência-visu

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/macae/panorama>

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)

A visão é o mais importante canal de relacionamento ... - Brainly

brainly.com.br <https://brainly.com.br> › Pedagogia › Ensino superior 25 de ago. de 2020.

Deficiência Visual Vol. 2 Fascículo IV Brasília, 2001 Conteudistas: Marilda Moraes Garcia Bruno Maria Glória Batista da Mota Colaboração Instituto Benjamin Constan

[https://www.ebiografia.com/helen\\_keller/](https://www.ebiografia.com/helen_keller/)

Orientação e Mobilidade: Conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual /Elaboração Edileine Vieira Machado...[et al.] - Brasília: MEC, SEESP, 2003.

A educação da pessoa com deficiência visual: marcos históricos e políticos da formação e atuação docente Rogério Sousa Pires Instituto Federal Catarinense – IFC – Campus Rio do Sul/SC – Brasil [rogersp@ifc-riodosul.edu.br](mailto:rogersp@ifc-riodosul.edu.br) Reginaldo Leandro Plácido Instituto Federal Catarinense – IFC – Campus Araquari/SC – Brasil [reginaldo.placido@ifcaraquari.edu.br](mailto:reginaldo.placido@ifcaraquari.edu.br)

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-)

[66812021000200521&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812021000200521&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

<https://macae.rj.gov.br/semmed/leitura/noticia/educacao-especial-atende-cerca-de-800-alunos-na-rede-municipal>

<https://www.infoescola.com/educacao>

<http://www.unirio.br/cch/escoladeturismologia/pasta-virtuais-de-docentes/maria-angela-monteiro-correa/educacao-especial-textos-da-disciplina/aula3>

<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/5977/3727>

MINAYO, M. Pesquisa social: teoria metodos e criatividade.Petropolis: ED: vozes,2012.



























